

CRÉDITO

COM RECORDE,
FCO INJETA
R\$ 2,23 BILHÕES NA
ECONOMIA GOIANA

IEL GOIÁS

ALIANÇA ESTRATÉGICA
PARA FORMAR
UM PARQUE DE
FORNECEDORES LOCAIS

SENAI GOIÁS

COM ALTA
DEMANDA POR MÃO
DE OBRA, SISTEMA
SUPERA 200 MIL
MATRÍCULAS

ENTREVISTA

Economista-chefe do Bradesco, Octávio de Barros antecipa mais um ano de crescimento modesto para a economia brasileira, com avanço mais importante para Goiás e o Centro-Oeste



ANO 62 / Nº 256 / MARÇO 2014

Goiás Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS



DESAFIOS À VISTA

COM INVESTIMENTOS QUE SE APROXIMAM, INCERTEZAS DEIXAM A INDÚSTRIA MAIS CAUTELOSA EM GOIÁS, COM EXPECTATIVA DE ALGUM CRESCIMENTO PARA PARTE DOS SEUS SETORES E MAIOR PESSIMISMO EM OUTROS, AGRAVADO POR DIFICULDADES DE LOGÍSTICA E NA ÁREA DE ENERGIA

Para ser competitivo você tem que saber das últimas, primeiro!



O 86° ENIC reunirá empresários de todos os estados brasileiros, que discutirão os rumos da indústria da construção e farão propostas adequadas ao desenvolvimento do país. Por isso, para acompanhar as necessidades e oportunidades desse setor, você não pode perder esse evento.



Antecipe sua inscrição, garanta presença e ainda ganhe desconto.
Até 9 de abril, preço promocional!

Inscrições:

	De 06/02 a 09/04	De 10/04 a 13/05	No local
Empresário/Diretor/Profissional (outros estados)	R\$ 800,00	R\$ 850,00	R\$ 850,00
Acompanhante/Assessor (outros estados)	R\$ 650,00	R\$ 700,00	R\$ 700,00
Empresário/Diretor/Profissional (GO)	R\$ 650,00	R\$ 700,00	R\$ 700,00
Acompanhante/Assessor (GO)	R\$ 450,00	R\$ 500,00	R\$ 500,00
Estudante Universitário	R\$ 250,00	R\$ 300,00	R\$ 300,00

Inscriva-se no site www.enic.org.br. Mais informações: (62) 3214-1005 ou pelo e-mail: secretaria@qeeventos.com.br



86° ENIC
Encontro Nacional da Indústria da Construção
21, 22 e 23 de maio - Goiânia, Goiás

2014
CRESCER, BRASIL!
Com a nossa participação SEMPRE.

Promoção:

CBIC

Realização:

Sinduscon-GO
UNIDADE DE INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS

IADEMIGO
INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE GOIÁS



TIRANDO AS PEDRAS DO CAMINHO

Os números de 2013, quando Goiás apresentou, a exemplo de anos anteriores, indicadores econômicos muito superiores aos do Brasil, não deixam dúvida: nosso Estado é altamente viável. E a viabilidade dos negócios aqui pode ser evidenciada, por exemplo, na análise de aproveitamento dos recursos do FCO. Goiás foi o que mais aplicou e apresentou menor inadimplência, o que mostra a seriedade de seus empreendimentos, seja da área industrial, comercial ou agrícola.

O bom desempenho da economia goiana em 2013 sinaliza para 2014 a manutenção desse processo positivo de crescimento e desenvolvimento, se não de forma acentuada, pelo menos dentro do razoável e buscando superar as pedras do caminho, como avaliam líderes sindicais em reportagem de capa desta edição da Goiás Industrial.

Um grande entrave, a questão da Celg parece ter finalmente uma solução encaminhada, inclusive com participação articulada da Fieg e do Fórum Empresarial, diretamente junto ao governador Marconi Perillo e ao ministro de Minas e Energia, Edison Lobão. Diante do acordo entre Estado e Eletrobras, com a transferência de 51% das ações da companhia, logo chegarão os recursos, dentro do compromisso firmado com a União, que prevê investimentos de R\$ 1,9 bilhão, já disponibilizado pela Caixa Econômica Federal.

O próximo passo agora, entendemos, é a Celg acionar o setor privado para agilizar ações necessárias. Portanto, nossa perspectiva é de que o Estado vai dar continuidade ao crescimento, ao superar este grande gargalo. Isso também depende muito, além da ação firme dos empresários, de nossas instituições trabalharem nesse sentido, mantendo a interação sempre positiva com o poder público para vencer as dificuldades, para que o setor privado, dentro de seu dinamismo e de sua eficiência, faça sua parte.

Nessa mesma direção, foram importantes as gestões da Fieg junto ao Ministério dos Transportes,

“UM GRANDE ENTRAVE, A QUESTÃO DA CELG PARECE TER FINALMENTE UMA SOLUÇÃO ENCAMINHADA, INCLUSIVE COM PARTICIPAÇÃO ARTICULADA DA FIEG E DO FÓRUM EMPRESARIAL.”

PEDRO ALVES DE OLIVEIRA,
presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás

especificamente, na Valec, para retomada das obras da Ferrovia Norte-Sul, com a promessa da presidente Dilma Rousseff de inauguração do trecho até Anápolis ainda no primeiro semestre.

Outro empecilho, a falta de mão de obra será enfrentada firmemente pela Fieg, via de muito empenho do Senai para ampliar a formação técnica, procurando atender ao máximo à demanda das indústrias, a quem conclamamos para contribuir nessa tarefa hercúlea, que exige ação conjunta, parcerias entre a iniciativa privada e o poder público.

No front externo, também importante, a Fieg intensificará sua atuação para ampliar e estreitar as relações internacionais e, conseqüentemente, alargar o caminho para que as empresas goianas busquem maior inserção e diversifiquem seus negócios. Para tanto, uma estratégia é transformar o Centro Internacional de Negócios (CIN) em um centro de oportunidades de negócios.

■ Mais longa das publicações econômicas em Goiás, com 62 anos de circulação ininterrupta, a revista **Goiás Industrial** exibe cara nova nesta edição. A revitalização acompanha tendência natural de toda publicação que se propõe a fazer papel de porta-voz de uma organização, sobretudo uma entidade de caráter sindical como a Fieg, que precisa estar atenta às inovações. O novo projeto gráfico-editorial, bem conduzido pelo designer Jorge Del Bianco e pelo jornalista Dehovan Lima, faz parte deste contexto.



SISTEMA FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente: Pedro Alves de Oliveira

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Presidente: Wilson de Oliveira

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO
Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565
E-mail: fieg.regional@sistemafieg.org.br

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional: Pedro Alves de Oliveira

Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor: Hélio Neves

Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil

Diretor: Justo O. D'Abreu Cordeiro

Superintendente:

Dayana Costa Freitas Brito

DIRETORIA DA FIEG

Presidente

Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-Presidente

Wilson de Oliveira

2º Vice-Presidente

Eduardo Cunha Zuppani

3º Vice-Presidente

Antônio de Sousa Almeida

1º Secretário

Marley Antônio da Rocha

2º Secretário

Ivan da Glória Teixeira

1º Tesoureiro

André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Tesoureiro

Hélio Neves

Diretores

Segundo Braoios Martinez
Sandro Marques Scodro
Orizomar Araújo Siqueira

Ubiratan da Silva Lopes
Manoel Paulino Barbosa
Robson Peixoto Braga
Roberto Elias de L. Fernandes
José Luis Martin Abuli
Álvaro Otávio Dantas Maia
Eurípedes Felizardo Nunes
Jair Rizzi
Henrique W. Morg de Andrade
Eduardo Gonçalves
Leopoldo Moreira Neto
Flávio Paiva Ferrari
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Daniel Viana
Oswaldo Ribeiro de Abreu
Elvis Roberson Pinto
Eduardo José de Farias
Valdenício Rodrigues de Andrade
Ailton Aires de Mesquita
Hermínio Ometto Neto
Carlos Alberto Vieira Soares
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Josélio Vitor da Paixão
Jaime Canedo

Conselho Fiscal

Justo O. D'Abreu Cordeiro
Laerte Simão
Mário Drummound Diniz

Conselho de Representantes junto à CNI

Paulo Afonso Ferreira
Sandro Antônio Scodro

Conselho de Representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior
Ailton Aires Mesquita
Alexandre Baldy de Sant'anna Braga
Álvaro Otávio Dantas Maia
Antônio Alves de Deus
Carlos Alberto de Paula Moura Júnior
Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos Roberto Viana
Célio Eustáquio de Moura
Cyro Miranda Gifford Júnior
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Cunha Zuppani
Elton Rodrigues Fernandes
Elvis Roberson Pinto
Emílio Carlos Bittar
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Paiva Ferrari
Flávio Santana Rassi
Francisco Gonzaga Pontes
Gilberto Martins da Costa
Hélio Neves
Henrique Wilhem Morg de Andrade
Heribaldo Egídio
Hermínio Ometto Neto
Jaime Canedo
Jair Rizzi
João Essado
Joaquim Cordeiro de Lima

Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa
José Alves Pereira
José Antônio Vitti
José Batista Júnior
José Divino Arruda
José Luiz Martin Abuli
José Romualdo Maranhão
José Vieira Gornide Júnior
Laerte Simão
Leopoldo Moreira Neto
Luiz Antônio Vessani
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Luiz Rézio
Manoel Silvestre Álvares da Silva
Marley Antônio Rocha
Nilton Pinheiro de Melo
Olympio José Abrão
Orizomar Araújo de Siqueira
Paulo Sérgio de Carvalho Castro
Pedro Alves de Oliveira
Pedro de Souza Cunha Júnior
Pedro Paulo Tavares Costa
Pedro Silvério Pereira
Plínio Boechat Lopes
Ricardo Araújo Moura
Robson Peixoto Braga
Sandro Antônio Scodro Mabel
Sávio Cruvinel Câmara
Segundo Braoios Martinez
Silvio Inácio da Silva
Ubiratan da Silva Lopes
Valdenício Rodrigues de Andrade
Wellington Soares Carrijo
Wilson de Oliveira

CONSELHOS TEMÁTICOS

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente

Melchíades da Cunha Neto

Vice-Presidente

Ivan da Glória Teixeira

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente

Henrique W. Morg de Andrade

Vice-Presidente

Aurelino Antônio dos Santos

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente

Célio de Oliveira

Vice-Presidente

Álvaro Otávio Dantas Maia

Conselho Temático de Política Fiscal e Tributária

Presidente

Eduardo Zuppani

Vice-Presidente

José Nivaldo de Oliveira

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente

Silvio Inácio da Silva

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente

Leopoldo Moreira Neto

Vice-Presidente

Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente

Antônio de Sousa Almeida

Vice-Presidente

Rosana Gedda Carneiro

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente

André Lavor Pagels Barbosa

Vice-Presidente

Ananias Justino Jaime

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente

Emílio Bittar

Vice-Presidente

José Carlos de Souza

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente

Leandro Almeida

Vice-Presidente

Agripino Gomes de Souza Júnior

Conselho Temático de Desenvolvimento Urbano

Presidente:

Ilézio Inácio Ferreira

Vice-Presidente:

Roberto Elias Fernandes

Rede Metrológica Goiás

Presidente

Marçal Henrique Soares

Câmara Setorial de Mineração

Presidente

José Antônio Vitti

Vice-Presidente

Luiz Antônio Vessani

Câmara Setorial da Indústria da Construção

Presidente

Sarkis Nabi Curti

Vice-Presidente

Gilberto Martins da Costa

Goiás Industrial, retrato da economia goiana

Editada pela primeira vez em 1953, logo depois do nascimento da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), a revista **Goiás Industrial** é, portanto, a mais longeva publicação empresarial goiana. De lá para cá, ininterruptamente, mostra os passos da industrialização do Estado, os movimentos pioneiros, avanços, curiosidades, inovações, enfim, o caminhar para o futuro de uma economia dinâmica, progressista, ousada, que exhibe ano a ano, invariavelmente, um desempenho acima da média nacional.

Um detalhe que também salta aos olhos do observador mais atento, a revista **Goiás Industrial**, ao longo de sua existência, apresenta como característica o fato de constituir uma publicação, digamos assim, prata da casa, construída internamente, da elaboração à execução da pauta, aberta à contribuição de articulistas de diferentes opiniões, de forma democrática. Aqui, mostramos, a cada edição, notícias da indústria, opiniões de especialistas em economia, responsabilidade social, emprego, mão de obra, educação, tecnologia, inovação, internacionalização empresarial, entre outros assuntos que permeiam a atividade produtiva.

A Assessoria de Comunicação do Sistema Fieg (Ascom), responsável pela publicação da **Goiás Industrial**, sente-se orgulhosa por todas essas conquistas.

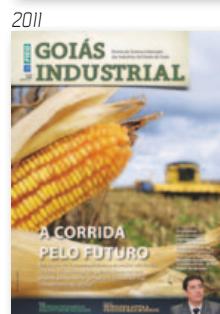
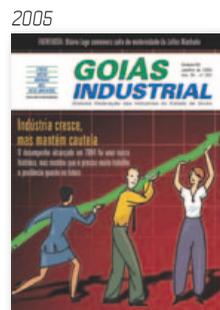
Os editores

“É claro que o governo sabe que a chave para tudo está na educação, saúde e segurança, mas para ele não interessa muito, pois povo educado sadio e tranquilo vai saber votar.”

JORGE L. P. PAULA, sobre a notícia Brasileiro elege saúde, segurança e educação como prioridades para 2014, em pesquisa da CNI, em 13/02/2014

“Parabéns, amigo Wilson, sorte na nova empreitada, utilize seu carisma e sua competência de sempre. Abraços!”

EDMAR SABINO NEVES, sobre a notícia Wilson de Oliveira assume presidência da Fieg Regional Anápolis, em 23/01/2014



■ História e evolução: apresentação da edição nº 1 da **Goiás Industrial** (no alto), capas da revista e projeto experimental da revitalização (ao lado)



No ar / O Fórum Goiano de Inclusão no Mercado de Trabalho das Pessoas com Deficiência e dos Reabilitados pelo INSS (FIMTPODER) colocou no ar, no dia 24 de fevereiro, seu site www.fimtpoder.org.br, onde os associados da FIEG podem divulgar ofertas de vagas para PCDs. O fórum tem secretaria na Casa da Indústria, na Avenida Araguaia, nº 1.544, 3º Andar - Setor Leste Vila Nova, em Goiânia. Telefones (62) 3219-1792/ 8210-2940 (TIM)

EXPEDIENTE



Direção
José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo
Geraldo Neto

Edição
Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima

Reportagem
Andelaine Pereira, Célia Oliveira, Daniela Ribeiro, Edlaine Pazini,

Jávier Godinho, Nathaly Toalitari e Janaina Staciardini e Corrêa

Colaboração
Wellington da Silva Vieira

Fotografia
Sílvia Simões, Alex Malheiros e Sérgio Araújo

Projeto gráfico
Jorge Del Bianco

Capa, ilustrações, diagramação e produção
Jorge Del Bianco
DC Design Gráfica e Comunicação

Impressão
Gráfica Kelps

Redação e correspondência
Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova

CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300 - Fax (62) 3229-2975
Home page www.sistemafieg.org.br
E-mail fieg@sistemafieg.org.br

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Goiás Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

ARTIGOS

16 e 58 / Vice-presidente da Federação Nacional de Empresas de Segurança Privada (Fenavist) e do Sindicato das Empresas de Segurança Privada do Estado de Goiás (Sindesp), Ivan Hermano Filho comenta o caos no setor de segurança pública. O economista da PUC Goiás, Jeferson de Castro Vieira, analisa o desempenho da economia goiana em 2013

ICQ BRASIL

48 / Avança na indústria da construção a aplicação de indicadores para controle do consumo de água, insumos e de gestão de resíduos

GENTE DA INDÚSTRIA

50 e 51 / Goiânia ganhará novo shopping center e Aparecida terá condomínio industrial. Leia na coluna da jornalista Renata Dos Santos

GIRO PELOS SINDICATOS

52 e 53 / Notícias dos sindicatos industriais filiados à Fieg



MADE IN GOIÁS

57 / Instalada em Anápolis, a Metalúrgica Dobração vai dobrar o tamanho de sua fábrica neste ano, num investimento de R\$ 2 milhões



ENTREVISTA

08 / O clima de incertezas tende a complicar o cenário para a economia brasileira em 2014, com perspectivas de baixo crescimento. Mas o Centro-Oeste, com destaque para Goiás, avalia o economista-chefe do Bradesco, Octávio de Barros (foto), tende a manter um ritmo mais acelerado do que a média do País.



GRÉDITO

43 / O Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO) injetou na economia goiana, no ano passado, em torno de R\$ 2,23 bilhões, num desempenho "extraordinário", na avaliação do superintendente estadual do Banco do Brasil (BB) em Goiás, Edson Bündchen



MEMÓRIA

49 / Referência no mercado de bebidas, o Grupo Imperial anuncia um programa vigoroso de investimentos para "invadir" novos mercados

DESAFIOS À VISTA



CAPA

20 / A indústria goiana entrou o ano num misto de otimismo e cautela, à espera de algum crescimento para parte relevante dos seus setores, mas com dúvidas e algum pessimismo em relação a outros. A certeza é de que será um período turbulento e desafiador, com a persistência de deficiências na infraestrutura de transportes e dificuldades no suprimento de energia elétrica, o que tem desestimulado investimentos

SENAI GOIÁS

17 / No ano passado, o Senai Goiás formou e capacitou mais de 202 mil alunos, dos quais 20 mil correspondem a novos trabalhadores, acima dos 16 mil que a indústria precisará contratar por ano até 2015



SESI GOIÁS

44 / No ano passado, entre ações nas áreas de educação, saúde, segurança no trabalho, esportes e cultura, o Sesi Goiás realizou 2,3 milhões de atendimentos beneficiando o setor produtivo e a comunidade



IEL GOIÁS

12 / A aliança entre três mineradoras de classe mundial – pela Anglo American, AngloGold Ashanti e Votorantim Metais – e o Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) resultou na criação do Programa de Desenvolvimento de Fornecedores (PDF), que pretende estimular e capacitar fornecedores locais



“*PRECISAMOS DE NOVAS FONTES DE CRESCIMENTO, O QUE PASSA POR AÇÕES QUE LEVEM A GANHOS DE EFICIÊNCIA MAIS VISÍVEIS, POR QUALIDADE DA EDUCAÇÃO, AVANÇOS NA INFRAESTRUTURA, DESBUROCRATIZAÇÃO DOS NEGÓCIOS E AJUSTE FISCAL DE LONGO PRAZO*”

OCTAVIO DE BARROS
Economista-chefe do Bradesco

Mais um ano de desafios para a economia

Laura Veiga Filho

Num cenário doméstico marcado por incertezas e extremo nervosismo dos mercados, o País terá de encontrar novos caminhos para retomar ritmo mais intenso de crescimento. No front externo, os países desenvolvidos tendem a apresentar melhor desempenho, mas a vida não será fácil para as economias emergentes, antecipa o economista-chefe do Bradesco, Octavio de Barros, na entrevista a seguir.

Goias Industrial – *A economia brasileira enfrentou no ano passado mais um ciclo de crescimento apenas modesto, frustrando expectativas especialmente no setor industrial. Em sua avaliação, o que tem travado o crescimento mais acelerado da atividade econômica de forma geral?*

Octavio de Barros – No ano de 2013 houve vários choques que geraram volatilidade, prejudicando o lado real da economia brasileira. O mais importante dos choques, a meu ver, foi a sinalização, por parte do Federal Reserve (banco central dos Estados Unidos), de redução dos estímulos monetários, o que ocorreu somente a partir de janeiro deste ano, mas ganhou força a partir de maio passado, em um momento no qual havia temores com o risco de um pouso forçado na China. Os países emergentes sentiram e têm sentido bastante os efeitos desse cenário, principalmente em termos de elevação das taxas longas de juros e depreciação cambial. Do ponto de vista domésti-

co, vale a pena destacar as manifestações populares de junho, em um contexto de maior pressão inflacionária. Os movimentos de rua derrubaram a confiança empresarial no Brasil, assim como provocaram o rebaixamento da perspectiva do País junto a duas agências de classificação de risco. Também tenho a tese de que 2013 foi um ano de forte ajuste do setor privado, depois de três anos consecutivos de redução das margens de lucros. Do ponto de vista mais estrutural, não dá para crescermos agora o que crescemos no passado, uma vez que a ociosidade do mercado de trabalho está eliminada, o mundo e a China crescem menos e já não devemos incorporar mais 50 milhões de pessoas no mercado consumidor. Tudo isso ajudou o Brasil a crescer. Agora, precisamos de novas fontes de crescimento, o que passa por ações que levem a ganhos de eficiência mais visíveis, por qualidade da educação, avanços na infraestrutura, desburocratização dos negócios e ajuste fiscal de longo prazo.

Goiás Industrial – *De que forma esse cenário influenciou a atividade industrial no ano passado?*

Barros – A indústria, de modo particular, sentiu mais todos esses fatores, constituindo o principal vetor de desaceleração do crescimento brasileiro. Em primeiro lugar, porque é um setor mais aberto ao mundo do que os serviços, sentindo mais a concorrência em um ambiente de crise industrial mundial nos últimos anos. Depois, justamente por essa característica, porque não consegue, a exemplo do que ocorre em serviços, repassar o aumento de custos aos preços finais, em um ambiente de falta de mão de obra.

Goiás Industrial – *O que aguarda a economia brasileira neste ano? Quais as projeções do Departa-*

mento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco (Depec) e que fatores e/ou vetores dão sustentação a essas previsões?

Barros – A virada do ano ocorreu com notícias melhores de crescimento econômico nos EUA e na Europa. A redução de estímulos monetários nos EUA já estava no radar, ao contrário do que ocorreu em maio do ano passado, e deve ocorrer de forma bastante gradual e com a sinalização de que os juros básicos continuarão baixos até pelo menos 2015. Também acredito que boa parte do ajuste do setor privado no Brasil já tenha ocorrido, o que abre espaço para que os ganhos de produtividade fiquem mais evidentes. Para 2014, trabalhamos com Produto Interno Bruto (PIB) de 2,1%, Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 5,87% e Selic (taxa básica de juros fixada pelo Comitê de Política Monetária) em torno de 11,5% em dezembro. O tema da inflação ainda é para ser acompanhado com lupa, principalmente pelo risco de câmbio. Estamos com câmbio de R\$ 2,40/US\$ no final deste ano.

Goiás Industrial – *A despeito de ter sido registrada alguma aceleração nas concessões no final do ano passado, as previsões do mercado sugerem redução do investimento, depois do avanço realizado em 2013. O que se pode prever em relação aos investimentos para este ano e quais são os números com os quais o Depec trabalha?*

Barros – Estimamos que em 2013 a formação bruta de capital fixo (FBCF) tenha avançado 6%, depois do recuo de 4% registrado em 2012. Essa recuperação, associada principalmente aos estímulos via Programa de Sustentação do Investimento (PSI) e à recuperação do setor de caminhões, chama a atenção diante do baixo crescimento observado no ano passa-

“Do ponto de vista mais estrutural, não dá para crescermos agora o que crescemos no passado, uma vez que a ociosidade do mercado de trabalho está eliminada, o mundo e a China crescem menos e já não devemos incorporar mais 50 milhões de pessoas no mercado consumidor”



do. A mera correlação histórica do PIB com a FBCF nos sugeriria um crescimento bem menor dos investimentos no ano passado. Para este ano, projetamos avanço de 4%. Ainda que seja uma taxa menor do que a do ano passado, se confirmada será o dobro do crescimento esperado para o PIB, de 2,1%. Vejo essa desaceleração mais como uma acomodação, sobretudo no setor de máquinas e equipamentos. O segmento de construção civil, a outra perna da FBCF, tende a acelerar neste ano. Os impactos das concessões já se farão sentir de forma mais forte em 2014 e nos anos subsequentes.

Goiás Industrial – *A inflação persistente e a questão fiscal são dois pontos que mais parecem causar incômodo entre analistas e estariam por trás do pessimismo (que parece mais exacerbado no mercado financeiro) em relação ao futuro imediato da economia. Em sua visão, quais são os cenários esperados para a taxa inflacionária em 2014 e para a gestão fiscal no setor público?*

ferior ao de expansão do PIB nominal. Um ajuste mais evidente, tanto da inflação quanto do fiscal, deve ficar mesmo para 2015, seja quem for o vencedor nas urnas.

Goiás Industrial – *De que forma as dificuldades enfrentadas pela Argentina (e outros emergentes) podem impactar a economia brasileira ao longo deste ano?*

Barros – Para os emergentes, de modo geral, as perspectivas apontam para um quadro de elevação de juros e de depreciação cambial, o que sugere desaceleração econômica, de um lado, e maior concorrência nos mercados externos, por outro. Será um cenário desafiador para o setor externo brasileiro. A Argentina, de modo particular, deve ser monitorada com mais cautela, não pelo seu impacto financeiro, mas sobretudo pelo comercial. O país é o terceiro maior importador do Brasil, atrás apenas de EUA e China. Exportamos principalmente manufaturados, com destaque para automóveis. Podemos sim, com uma crise mais severa



“Acredito que boa parte do ajuste do setor privado no Brasil já tenha ocorrido, o que abre espaço para que os ganhos de produtividade fiquem mais evidentes. Para 2014, trabalhamos com PIB de 2,1%, IPCA de 5,87% e Selic em torno de 11,5% em dezembro”

Barros – Concordo que esses são dois temas nos quais precisamos avançar bastante ainda. Trabalhamos, como disse, com IPCA de 5,87% em 2014, ante os 5,91% de 2013. Trata-se de um número ainda bastante elevado e superior tanto ao centro da meta quanto ao que o Banco Central já chamou de inflação basal no Brasil, algo como 5,5%. Se por um lado teremos a contribuição baixista de preços de alimentos, por outro a inflação de serviços continua rodando em patamar muito elevado. Quanto ao fiscal, esperamos superávit primário de 1,5% do PIB neste ano, ante o 1,9% do ano passado. Mais do que o número em si, que é importante para definir a trajetória da relação dívida/PIB, creio que precisamos avançar em medidas mais estruturais, tais como limitar a expansão das despesas em patamar in-

por lá, sentir menor demanda por nossos produtos. Em 2013, nosso superávit com eles foi de US\$ 3,1 bilhões, ante o US\$ 1,5 bilhão do ano anterior.

Goiás Industrial – *Na área externa, o País registrou no ano passado déficit recordista no balanço de transações correntes, puxado pela queda vertical no saldo comercial e pelo aumento na conta de serviços. Até que ponto o desempenho do setor externo pode ser considerado uma ameaça real para o País? As projeções para 2014 preocupam? Quais são os indicadores projetados pelo Deppec nesta área e como devem se comportar os principais indicadores externos?*

Barros – O déficit externo não é uma preocupação se for percebido como financiável, principalmen-

“Para este ano, projetamos avanço de 4% (para o investimento). Ainda que seja uma taxa menor do que a do ano passado, se confirmada será o dobro do crescimento esperado para o PIB, de 2,1%. Vejo essa desaceleração mais como uma acomodação, sobretudo no setor de máquinas e equipamentos. O segmento de construção civil (...) tende a acelerar neste ano”



te por fontes saudáveis, como o investimento direto estrangeiro. EUA e Austrália são exemplos de economias relevantes que, por motivos diferentes, tiveram déficits elevados percebidos como sustentáveis. Para o Brasil, projetamos déficit de US\$ 73,2 bilhões neste ano, menor do que os US\$ 81,4 bilhões de 2013. A maior parte da melhora deve vir do saldo comercial, para o qual projetamos US\$ 6,9 bilhões, ante os US\$ 2,6 bilhões do ano passado. Como proporção do PIB, trabalhamos com déficit em conta corrente de 3,2%, ante os 3,6% do ano encerrado. Aqui temos um ajuste dado pela depreciação do câmbio, pela melhora dos países desenvolvidos e pela desaceleração dos investimentos, item bastante correlacionado com as importações. Para os investimentos diretos estrangeiros, esperamos ingresso de US\$ 60 bilhões neste ano, pouco inferior aos US\$ 64 bilhões do ano passado. Brasil continua sendo um dos principais destinos para esses fluxos. Os fatores de risco a serem monitorados, do ponto de vista comercial, são Argentina, produção doméstica de petróleo e preço do minério de ferro.

Goiás Industrial – *A melhora no cenário internacional, com a perspectiva de desempenho mais favorável das principais economias (EUA, Zona do Euro e Japão), pode significar algum alento para a economia brasileira? O menor crescimento esperado para a China tende a influenciar numa direção mais negativa? Qual sua avaliação a respeito?*

Barros – Os países desenvolvidos deverão acelerar seu crescimento em 2014, de 1,3% para 2,2%, com destaque para os EUA. Por outro lado, justamente por essa recuperação, continuaremos avançando no processo de redução de estímulos por parte do Federal Reserve, o que impõe desafios relevantes ao gerenciamento da política econômica dos emergentes, prin-

cipalmente pela via dos mercados cambiais e fluxos de capitais. O Brasil está mais preparado do que no passado para enfrentar cenários globais mais adversos, mas não está imune a esse quadro. Na China, os piores temores em relação a um possível pouso forçado foram dissipados no final de 2013, mas neste começo de ano o país voltou a ser uma fonte de preocupações. Contudo, deve continuar crescendo em ritmo entre 7% e 7,5%. Esse cenário e o forte aumento da oferta em alguns segmentos tendem a continuar pressionando para baixo os preços das commodities. Sem dúvida, temos um quadro desafiador pela frente.

Goiás Industrial – *Numa avaliação mais regional, o que se pode esperar neste ano para as economias de regiões/Estados periféricos, a exemplo de Goiás, onde o agronegócio tem um peso mais relevante, assim como a indústria de não duráveis (alimentos e bebidas, confecções e vestuário)?*

Barros – A Região Centro-Oeste deverá apresentar desempenho acima do PIB brasileiro em 2014. Destacamos o desenvolvimento da produção de celulose, com a instalação da unidade da Eldorado em Mato Grosso do Sul. A expansão do agronegócio na região, considerando grãos, cana-de-açúcar e abate de carnes, deve favorecer as indústrias processadoras de alimentos. Ademais, o avanço do polo farmacêutico em Anápolis também tende a impulsionar a indústria de todo o Estado de Goiás. Por fim, no final de 2013 foram concedidos alguns trechos de rodovias que passam pelo Centro-Oeste, inclusive em Goiás. Apesar da previsão de que os impactos dessas concessões ocorreram de forma mais forte em 2015/2016, a obras terão início ainda este ano, favorecendo a expansão do consumo na região.



CIRCULO VIRTUOSO NA CADEIA

Programa de Desenvolvimento de Fornecedores cria diferencial estratégico na cadeia de suprimentos. Em Goiás, mineradoras buscam envolver fornecedores em gestão de sustentabilidade

Célia Oliveira

De um lado, grandes empresas e suas necessidades de comprar na região onde atuam, de estabelecer relacionamento comercial com fornecedores que aliem gestão e sustentabilidade, sejam competentes, ágeis e capazes de atender a requisitos de qualidade e outros definidos por elas mesmas. De outro, empresas fornecedoras que precisam de oportunidades de negócios, porém, muitas vezes, se encontram desmotivadas a investir em melhorias e capacitação para atender às exigências dessas gran-

des empresas e ter longevidade.

A aproximação desses dois lados para gerar união, confiabilidade e bons negócios para ambos foi possível pela aliança de três mineradoras, parceiras do Instituto Eivaldo Lodi (IEL Goiás), para gestar o Programa de Desenvolvimento de Fornecedores (PDF). Sob os eixos da capacitação e do fortalecimento, o programa foi o caminho encontrado pela Anglo American, AngloGold Ashanti e Votorantim Metais para dar sustentabilidade a seus negócios e dos fornecedores de produtos e/ou serviços, em



“ A ANGLO AMERICAN ACREDITA NO BRASIL, POR ISSO QUER DESENVOLVER FORNECEDORES LOCAIS PARA QUE SEJAM COMPETITIVOS E NOS AJUDEM TAMBÉM A SER COMPETITIVOS DIANTE DE NOSSOS DESAFIOS”

OSNIIR MONTIN,
gerente geral da cadeia de suprimentos da Anglo American, durante a assinatura de convênio com o IEL, em Goiânia, em dezembro

cinco municípios goianos – Barro Alto e Goianésia, na Região Centro Goiano; Niquelândia, Crixás e Uruaçu, Norte do Estado.

De acordo com o gerente geral da cadeia de suprimentos da Anglo American, Osnir Montin, o programa está totalmente alinhado com a estratégia da empresa, que em âmbito mundial foca o desenvolvimento de fornecedores locais. “Identificar e capacitar fornecedores que estão localizados

nas comunidades onde operamos, desenvolvê-los para atuar no segmento de mineração e no futuro em outros segmentos de mercado, faz parte de nossa visão de longo prazo. Queremos fortalecer nosso compromisso com a comunidade onde atuamos, ser parceiros de escolha de nossos fornecedores locais e promover de forma proativa o desenvolvimento econômico e social dessas comunidades.”

Interação e transformação local

Pelo fato de a produção mineral envolver cadeias industrializadas complexas, ter um parque fornecedor qualificado é fundamental para as três mineradoras. Por isso, o programa do IEL busca o desenvolvimento e a excelência das empresas locais em gestão, processos e produtos.

A estratégia vai ao encontro de um dos valores estabelecidos pela AngloGold Ashanti, de tornar melhores as comunidades onde mantém operações. “Uma das maneiras de colocarmos isso em prática é a priorização da contratação de mão de obra e de fornecedores locais com o objetivo de incentivar a capacitação e a busca constante pelo desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida das regiões onde atuamos. O programa certamente contribuirá para elevar ainda mais a qualificação dos empresários locais e estimular o desenvolvimento na região, a busca por inovação, resultando em aumento da competitividade no mercado e na ampliação das

possibilidades de crescimento e de novos negócios para as empresas”, comenta Ewerton Trindade, gerente geral de Serviços e Suporte.

Estimular a competitividade, a gestão, buscar atuação social e ambientalmente responsável e, principalmente, promover a qualificação profissional da cadeia de suprimentos e o fortalecimento de outros agentes locais, como as entidades de classe, são alguns dos desafios que levaram as três mineradoras a se unir no âmbito do PDF. O programa tem em seu cerne o estabelecimento de um ambiente de negócios maduro e promissor, passando pela preparação de fornecedores e pelo envolvimento com instâncias públicas e privadas.

A Votorantim Metais, que conta hoje com aproximadamente 7 mil fornecedores cadastrados e homologados em todo o Brasil, tem como desafio a contratação prioritária de fornecedores das regiões próximas às unidades de operação, segundo Ricardo Porto,



■ Ewerton Trindade: “Nossa proposta é transformar a localidade onde estamos e capacitar empresas para o mercado”



■ Ricardo Porto: “Com o programa vamos traduzir a lógica da competitividade, porque para ser competitivo lá fora, temos de ser primeiro aqui dentro”

diretor de suprimentos. “É a forma de obter ganhos e sinergias para os nossos negócios e incentivar o desenvolvimento econômico e a geração de emprego.”

PROGRAMA FORTALECE A INDÚSTRIA E A ECONOMIA

A assinatura de convênio entre as mineradoras e o IEL para implementação do Programa de Desenvolvimento de Fornecedores, em dezembro, foi bem recebida pelo governo Estado. "Os fornecedores são parceiros que agem direta e indiretamente nos negócios industriais e o governo também luta pelas cadeias quando uma empresa se instala aqui. No caso da mineração, o programa é crédito para nosso potencial e acho que isso deve ser estendido a outras cadeias", disse o então secretário de Indústria e Comércio, Alexandre Baldy. "Creio que o programa demonstrará um caminho novo, um retorno ágil aos investimentos produtivos de qualquer segmento", acrescentou, parabenizando os envolvidos. Segundo ele, a administração do Estado reconhece que "isso fortalece nossa indústria e nossa economia, que cresce de forma certa".

O presidente da Fieg e do Conselho Consultivo do IEL Goiás, Pedro Alves de Oliveira, enfatiza que a estratégia do programa é desenvolver fornecedores para suprir a carência por uma gestão profissionalizada, planejada e sustentável tanto para as mineradoras quanto para as empresas fornecedoras.



■ Frente a frente: oportunidade para quase 80 fornecedores negociarem com três grandes mineradoras

Fornecedores qualificados fazem a diferença

O desempenho de uma organização produtiva é certamente afetado pelo desempenho de seu parque fornecedor e discutir a respeito do assunto é questão imperativa nos dias atuais. Ao adquirir produtos e serviços de seus fornecedores, as empresas compradoras levam, concomitantemente, soluções ou problemas interligados a uma série de fatores que impactam os negócios desde a linha de produção ao consumidor final.

Devido à importância do fornecedor e sua posição de "parceiro" do negócio, estimulá-lo a aprender

e a fazer gestão é estratégia para a construção de um relacionamento estruturado e organizado, capaz de apresentar respostas que satisfaçam os dois lados.

Fornecedores qualificados, integrados e possuidores de conhecimentos de gestão certificados são sinônimos de eficiência, produtividade, cumprimento de normas e requisitos, segurança em decisões, menos desperdício e até da dependência de um comprador em certa localidade. São fatores que explicam a união das mineradoras para o Programa de Desenvolvimento de Fornecedores que, sob coordenação do IEL Goiás, já prepara a cadeia de suprimentos para uma nova realidade de interação com as mineradoras, com o próprio negócio e com o futuro.

Rodada de negócios em Niquelândia

O Programa de Desenvolvimento de Fornecedores, coordenado pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) e que une as mineradoras Anglo American, AngloGold

Ashanti e Votorantim Metais como patrocinadoras, realizou em dezembro, após a assinatura do convênio, a primeira Rodada de Negócios, no município de Niquelândia.

Cerca de 80 empresas fornecedoras de produtos/serviços para atividade industrial mineral foram convidadas para o evento, que aproximou as três mineradoras e fornecedores para a troca de informações, diálogo, desenvolvendo rede de relacionamento comercial.

As três mineradoras apresentaram suas políticas de compras que, de forma genérica, têm por objetivo garantir a competitividade, qualidade, segurança, legalidade, responsabilidade socioambiental e a melhoria contínua no relacionamento com os fornecedores. “Os participantes tiveram a oportunidade de adquirir conhecimentos de gestão com a palestra Negociação: Ferramenta para Garantir a Sustentabilidade do Negócio e Parcerias Duradouras”, observa a coordenadora técnica do programa, Sandra Márcia Silva, do IEL Goiás.

A rodada se desenvolveu em forma de reuniões individuais, momento em que os fornecedores

tiveram oportunidade de conhecer as demandas das mineradoras e apresentar seus produtos/serviços diretamente às compradoras. “Contudo, o maior objetivo da rodada é o relacionamento direto entre os participantes e não propriamente fechamento de negócios”, acrescenta Sandra Márcia Silva. Segundo ela, a iniciativa ainda representa oportunidade para gerar expectativas de negócios.

Diretor da Assiste Consultoria em Medicina e Segurança do Trabalho, Augusto Giampietro participou da rodada identificando nela uma oportunidade promissora. “Nossa expectativa com esse evento promovido pelo IEL e as mineradoras nos possibilita abertura, pois muitas vezes é difícil e complicado chegar até os compradores de grandes companhias.”

Estreante em eventos dessa natureza, a diretora da Marmoraria Granito, Joanita Silva, também considerou positiva e esclarecedora a exposição das mineradoras

e a rodada. “Aqui vejo incentivos para melhoria da minha empresa e tenho expectativas de aumentar meus negócios em até 20%”, prevê a diretora.

Para pequenos fornecedores, que ainda não tinham tido a chance de estar frente a frente com uma grande indústria, a rodada foi também um incentivo. “Eu ainda não forneço para nenhuma mineradora, mas tenho expectativas de me tornar um fornecedor”, diz o proprietário da Fercom Materiais de Construção, Reginaldo Nascimento.

No cronograma de implementação do Programa de Desenvolvimento de Fornecedores, com foco na mineração, estão previstas para este ano mais duas rodadas de negócios. “As iniciativas deverão ser bem recebidas pelos fornecedores convidados, os quais agendarão com antecedência seus diálogos, à mesa, com as mineradoras”, explica Sandra.

O PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE FORNECEDORES

O Programa de Desenvolvimento de Fornecedores de Goiás é uma iniciativa da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG) e do IEL. Em seu primeiro ano, conta com parceria das empresas Anglo American, AngloGold Ashanti e Votorantim Metais.

O objetivo é melhorar o atendimento das necessidades de aquisição de bens e serviços das empresas atuantes no Estado e contribuir para o desenvolvimento econômico e social dos municípios de suas influências, por meio de:

- Capacitação e certificação (quando aplicável) de atuais e potenciais fornecedores locais (*);
- Desenvolvimento (criação ou atração) de novos fornecedores para as localidades do escopo do projeto;
- Fomento do associativismo, por meio do apoio para fortalecimento das Associações Comerciais e Industriais e Câmaras de Dirigentes Lojistas, entre outros, dos municípios envolvidos;
- Palestras, seminários e encontros de negócios, visitas e consultorias;
- Promoção de interação entre as empresas locais entre si e empresas de outras regiões.

(*). Conforme a definição de cada empresa participante.



O CAOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

“CERTA VEZ, PARTICIPANDO DE UMA ENTREVISTA EM UMA RÁDIO DE NOSSA CAPITAL, UM CORONEL DA PM NOS INFORMOU QUE EM APENAS UM MÊS, A POLÍCIA MILITAR PRENDEU O MESMO ASSALTANTE DEZOITO VEZES. TODAS EM FLAGRANTE. A SENSAÇÃO PARA MUITOS É DE QUE O CRIME COMPENSA!”

IVAN HERMANO FILHO

Advogado, vice-presidente da Federação Nacional de Empresas de Segurança Privada (Fenavist) e do Sindicato das Empresas de Segurança Privada do Estado de Goiás (Sindesp) e proprietário do Grupo TecnoSeg

Os números assustadores que retratam a escalada da violência mostram claramente que estamos na iminência de alcançar o estágio de guerra urbana. Rumamos a passos largos para o caos. Goiânia hoje é a 28ª cidade mais violenta do mundo e a 10ª mais violenta do Brasil. Como chegamos a este ponto? É possível reverter isso?

A escalada da violência deu-se principalmente nos últimos dez anos. O aumento do consumo de drogas baratas como o crack, a sensação crescente de impunidade em todos os níveis e para todos os crimes, a lentidão do Judiciário, as leis arcaicas, complexas e que beneficiam sobremaneira os criminosos, os presídios que se tornaram verdadeiros escritórios avançados das quadrilhas, somadas ao desestímulo constante e crescente das forças policiais trazem a receita precisa para que a insegurança impere e os crimes aumentem.

A Polícia Militar do Estado de Goiás faz bem o seu trabalho. Ou seja, prende muitos criminosos. O problema é que a grande maioria desses bandidos não fica presa. E eles sabem disso. Certa vez, participando de uma entrevista em uma rádio de nossa capital, um coronel da PM nos informou que em apenas um mês, a Polícia Militar prendeu o mesmo assaltante 18 vezes. Todas em flagrante. A sensação para muitos é de que o crime compensa!

Hoje em dia, qualquer quadrilha que pratique crimes violentos possui no mínimo um menor de 18 anos. Esse menor é quem inevitavelmente vai assumir

a autoria dos delitos mais graves, como homicídios e latrocínios caso a quadrilha seja presa em flagrante. Pois como é de conhecimento geral, os menores respondem com medidas socioeducativas muito leves se comparadas ao mal que causaram.

O maior entrave hoje reside em nossas leis. Possuímos um complexo conjunto de leis que beneficia e facilita sobremaneira a atuação do criminoso. A pequena parcela de condenados que permanece presa conta com muitos chefes de quadrilha que transformam o presídio em verdadeiros quartéis-generais de suas organizações criminosas. Através de celulares comandam as ações de seus comparsas, mandando matar, roubar, sequestrar. O que nos espanta é a falta de controle do Estado em relação ao presídio e ao preso.

Como poderoso elemento catalisador da violência, em todo o País há conflitos entre as polícias civis e militares, que resultam em fragilidades nas relações entre estes dois órgãos. É pública a insatisfação com relação aos vencimentos e condições de trabalho na Polícia Civil. Na Polícia Militar, temos um efetivo diminuído e insuficiente. Hoje temos aproximadamente a quantidade de policiais que tínhamos em 1980.

Existe solução?

Nova York é o caso mais estudado de sucesso em reverter altos índices de criminalidade. A famosa “tolerância zero” de Rudolph Giuliani (prefeito da cidade entre 1994 e 2001), que consistia em uma legislação mais dura, combinada com uma ação policial respaldada, fez com que os índices de criminalidade caíssem em 57% em um curto período e a 80% em um período de 20 anos.

A experiência de Nova York mostra que se reduzirmos a sensação de impunidade, trazendo celeridade nos julgamentos (modificando as leis) e valorizando as ações de inteligência policial, a redução dos crimes se dá de forma imediata, com decréscimo progressivo ao longo dos anos. É possível ganhar essa guerra contra o crime. Mas é necessário o apoio de todos. Não há tempo a perder.

Tolerância zero já!



POR QUE A INDÚSTRIA RECLAMA TANTA MÃO DE OBRA?

■ *Formação e qualificação: a indústria goiana vai demandar quase 16 mil novos profissionais por ano até 2015*

Sistema supera meta de 200 mil matrículas e entrega ao mercado um total de profissionais qualificados 25% maior do que a demanda do setor industrial

Andelaide Lima

Até 2015, a indústria goiana vai precisar de quase 16 mil novos profissionais por ano para atender ao desempenho da economia no Estado, invariavelmente com crescimento acima da média nacional. A demanda por mão de obra é apontada por dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego. A maior procura por formação profissional para novos empregos em Goiás está concentrada nos segmentos da construção, química, alimentos e bebidas, de acordo com projeções realizadas pelo Mapa do Trabalho Industrial, elaborado pelo Senai Nacional para subsidiar o planejamento da oferta

de qualificação técnica.

Responsável pela preparação da mão de obra que movimenta a indústria goiana, o Senai encerrou 2013 com 202.176 concluintes nas diversas modalidades de ensino, da aprendizagem industrial à pós-graduação. O número supera a meta prevista para o ano, de 138 mil profissionais capacitados, e ultrapassa a marca de 200 mil matrículas, estabelecida nas diretrizes da instituição para ser alcançada apenas em 2014. Do total geral, 20 mil são novos trabalhadores, pessoas que vão para o primeiro emprego, ou seja, 25% a mais do que a necessidade apontada pelo segmento industrial

Para onde vão os profissionais

Diante desse número excedente de pessoas que se qualificam em busca do primeiro emprego, para onde vão os profissionais não absorvidos pela indústria? Por que a falta de mão de obra qualificada ainda é um problema para 65% das indústrias goianas, segundo a pesquisa Sondagem Industrial Especial, da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg)?

Gerente de Estudos e Prospectiva da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Márcio Guerra explica que para atender à demanda da indústria, o Senai tem de considerar aspectos como evasão, desistência e o contingente de trabalhadores que vão para o setor informal ou para outros segmentos da economia, a exemplo de serviços, que igualmente exigem profissionais com formação industrial. “Além disso, é preciso

levar em conta que devemos nos preparar para a demanda futura. Se considerarmos a perspectiva de expansão da economia em Goiás, temos de nos antecipar, pois a formação profissional, sobretudo a de nível técnico, não se faz de uma hora para outra”, pondera.

Novas habilidades – Sobre a queixa recorrente do setor produtivo, de que faltam profissionais qualificados no segmento industrial, Guerra observa que o Brasil tem apresentado baixas taxas de crescimento e de desem-



■ *Márcio Guerra, da CNI: “Temos de nos antecipar, pois a formação profissional, sobretudo a de nível técnico, não se faz de uma hora para outra”*

prego e, mesmo assim, a questão da ausência de mão de obra capacitada persiste. Para tentar compreender esse fenômeno é preciso saber o que significa mão de obra qualificada, que tanto a indústria reivindica. “Essa reclamação pode ter origem na carência de conhecimento específico por parte do profissional, além de competência e habilidades comportamentais na resolução de problemas e conflitos, e na incapacidade de trabalhar em equipe ou domínio de outros idiomas”, justifica.

Empregabilidade X laborabilidade

O diretor de Educação e Tecnologia do Sesi/Senai Goiás, Manoel Pereira da Costa, recorre à diferença entre os conceitos de empregabilidade e laborabilidade para explicar por que é necessário qualificar mais profissionais do que a indústria irá absorver. No primeiro caso, a pessoa é capacitada para se manter no mercado de trabalho com vínculo empregatício. No outro, a formação adquirida permite que o profissional não apenas se mantenha empregado, mas possa, por exemplo, abrir o próprio negócio, ser autônomo, ou prosseguir nos estudos. “Diante disso, o Senai tem de fazer um percentual superior à demanda do segmento industrial, para ingresso imediato de mão de obra qualificada no mercado de trabalho”, diz.

Para o diretor, a demanda por novos profissionais apresentada pela indústria sinaliza que, em termos de qualificação, o Senai Goiás está proporcionalmente aten-

dendo ao setor produtivo e chega mesmo a ocupar lugar de destaque no País, com a 7ª colocação no ranking geral do Programa de Acompanhamento de Egressos do Senai – Ciclo 2011/2013, formado por 24 Estados. A taxa de ocupação no mercado de trabalho atinge quase 80% dos egressos na modalidade de cursos técnicos, superior à média nacional, de 74%. O desempenho do Senai Goiás é ainda melhor quanto à taxa de egressos ocupados no mercado formal, mais abrangente por incluir outras categorias além dos trabalhadores com carteira assinada, como empreendedores individuais e empresários. No caso dos cursos de aprendizagem, modalidade de ensino destinada à preparação para o primeiro emprego, a taxa de ocupação de alunos egressos é, respectivamente, de 75% no mercado formal, 52% com vínculo empregatício e 48% no setor industrial.

“UM DILEMA A SER APROFUNDADO”

“A ausência de mão de obra qualificada alegada pela indústria é um dilema que merece ser aprofundado. Se a instituição forma e a empresa não absorve, pressupõe-se que temos profissionais disponíveis para o mercado de trabalho”, diz Manoel Pereira da Costa. Ele acrescenta que a indústria pode até questionar a qualidade dessa formação, mas, por outro lado, a remuneração oferecida pelo setor também pode não ser condizente com as expectativas do trabalhador.

“Empresários querem profissionais prontos”

Presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos em Goiás (ABRH/GO), Dilze Percílio coloca mais lenha na fogueira no embate entre carência de mão de obra e oferta de emprego industrial, ao questionar o papel do empresário na formação do profissional e os baixos salários pagos pelo segmento. Com base na experiência como diretora técnica da empresa Apoio Consultoria de Negócios, ela conta que a média salarial em Goiás é 30% abaixo da nacional e que os mais prejudicados são aqueles que estão na base da pirâmide organizacional.

“Quem entra no mercado de trabalho ganha pouco e, embora remunere mal, o empresário quer que o trabalhador venha pronto, com habilidades cognitivas e operacionais completas, para atuar no segmento industrial. Ele se exime da responsabilidade de contribuir com o desenvolvimento profissional das pessoas. Não adianta cobrar mão de obra qualificada somente das instituições de ensino, o empresário precisa assumir seu papel e investir em capacitações”, enfatiza.

Estabilidade – Outro viés apontado pela consultora é a diferença comportamental entre os jovens da geração passada e os da chamada geração Y. “Atrativos do mercado formal, como estabilidade e emprego com carteira assinada, já não têm mais tanto valor para a geração atual. Eles são seduzidos pelas amplas possibilidades do empreendedorismo, da abertura do próprio negócio, são mais ousados. Exemplo disso é que

estamos anunciando uma vaga de marceneiro, com salário que pode chegar a R\$ 1,5 mil, que até hoje não foi preenchida. A pessoa que tem um curso nessa área, talento e veia comercial, vai preferir trabalhar em empresas prestadoras de serviço ou como autônomo, ganhar cerca de R\$ 5 mil mensais e pagar uma previdência privada.”



■ Dilze Percílio: empresário precisa assumir seu papel e investir em capacitações

PREFERÊNCIA PELO MERCADO INFORMAL

Para o presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis (Siva), Jair Rizzi, a informalidade é um grande empecilho na contratação de profissionais para o setor. Apesar de manter parceria com o Senai e a prefeitura do município em várias ações de formação profissional, ele conta que a maioria dos alunos prefere trabalhar no mercado informal. “Eles compram máquinas, trabalham em casa e comercializam em feiras, sem nota fiscal. Conseguem vender seus produtos baratos porque não pagam impostos, não têm encargos. Difícil competir assim. Muitos também vão trabalhar em façções. Conseguir mão de obra qualificada para o setor de confecção é uma luta diária”, desabafa.

Modernização faz a diferença

Perspectiva bem diferente vive a indústria moveleira, segundo o presidente do Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás (Sindmóveis), Pedro Silvério. Entusiasmado com a nova Oficina Moveleira da Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, em Goiânia, inaugurada em dezembro, ele avalia que a instalação é um atrativo para os jovens que desejam ingressar no segmento.

Pedro Silvério observa que a modernização realizada na unidade representa novo patamar de atuação

e muda o perfil de quem vai trabalhar na indústria do setor. “Até pouco tempo, a maioria das empresas não se preocupava com questões de limpeza, da utilização de equipamentos de segurança, o mercado não era atraente. Hoje isso mudou, as indústrias investiram em equipamentos de alta tecnologia. Com a nova oficina, vamos formar profissionais para atuar em um novo ambiente, mais moderno e dinâmico. Os jovens vão receber treinamentos em máquinas sofisticadas, com software de última geração. Não vamos mais ter problemas para contratar mão de obra qualificada”, acredita.

UM OTIMISMO > COM RESERVAS <

*Claudius Brito, Lauro Veiga Filho,
Nathalya Toaliari e Valdevane Rosa*

■ *Aos trancos e barrancos: economia goiana deverá crescer novamente acima da média brasileira, apesar do ambiente de incertezas*

Indústria goiana espera crescer novamente acima da média brasileira, mas terá de se desdobrar para fazer frente aos desafios para atravessar 2014

Entre esperançosa e cautelosa, a indústria goiana espera algum crescimento em 2014, mas sabe que terá de enfrentar desafios e turbulências. A despeito de otimismo tímido, há grandes reservas dos líderes sindicais do setor em relação às condições gerais sob as quais terão de operar seus negócios até dezembro. Os grandes eventos previstos para este

ano surgem às vezes como fator de estímulo à atividade industrial e, paradoxalmente, como dado inibidor do crescimento. A flutuação frequente e inconstante da taxa de câmbio, a retomada da política de elevação dos juros, a inflação persistentemente acima da meta, a elevada carga tributária e as deficiências de infraestrutura continuam a ocupar espaço relevante na agenda empresarial – agravadas pelos constantes adiamentos na conclusão da Ferrovia Norte-Sul, uma reclamação do comando da Fieg. Como tema recorrente nessa agenda, as dificuldades na área de distribuição de energia, potencializadas pela demora na solução dos problemas enfrentados pela Celg, tendem a continuar emperrando o crescimento ainda em 2014.

Brechas para o crescimento

A recuperação da economia dos Estados Unidos e a estabilização da União Europeia após a crise financeira de 2008 poderão contribuir para criar condições mais favoráveis ao crescimento da indústria neste ano, “mas não de forma acentuada”, analisa Pedro Alves de Oliveira, presidente da Fieg. Mas não será um período exatamente fácil.

No front interno, o ano eleitoral pode favorecer a atividade industrial, assim como a realização da Copa do Mundo e consequentes investimentos esperados em infraestrutura, que terão “efeito dominó sobre a economia local, contemplando várias cadeias produtivas”, acredita o empresário. Mas o País terá de enfrentar os desafios de controlar a inflação, trazendo-a para a meta de 4,5% ao ano, reduzir o elevado custo do capital, solucionar os gargalos logísticos e de “aprimoramento constante da mão de obra e da burocracia”, sustenta ele.

O presidente da Fieg antevê clima de otimismo em Goiás, levando em conta a perspectiva de maturação dos investimentos realizados nos últimos anos e de manutenção de políticas de atração de novas empresas. Esses fatores, aliados às “potencialidades do Estado, consistem em diferenciais em relação aos demais” Estados. As deficiências da infraestrutura, continua Pedro Alves, a exemplo dos problemas na distribuição de energia elétrica e para escoamento da produção a custos mais competitivos, ainda seguraram avanço mais vigoroso da economia goiana.



■ Pedro Alves: expectativa de novo avanço para 2014, “mas não de forma acentuada”

Balanço positivo em 2013

A produção industrial em Goiás seguiu crescendo, em 2013, acima da média brasileira, saindo de um avanço de 3,9% em 2012 para 5% no ano passado, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na análise do presidente da Fieg, o crescimento assumiu perfil disseminado, atingindo quase todos os setores pesquisados.

“As contribuições mais importantes para a formação do índice geral da indústria goiana vieram das atividades de alimentos e bebidas (5,1%), produtos químicos (7,8%), minerais não-metálicos (1,2%), metalurgia básica (0,6%), com queda apenas para indústrias extrativas (-2,7%)”, destaca Pedro Alves.

Em resumo, continua ele, “os setores automotivo – principalmente, autopeças –, de construção civil, alimentos e, de forma destacada, o fármaco, foram os

que apresentaram o melhor desempenho.” Pedro Alves destaca ainda o desempenho apresentado por setores que prestam serviços de manutenção e recuperação de máquinas e equipamentos, considerando-se os investimentos realizados pelo setor industrial destinados à modernização. “Houve avanços também na qualificação de mão de obra para algumas categorias, o que consistiu diferencial para incrementar a produtividade de segmentos que investiram em mudança de tecnologia”, acrescenta.

Energia, um dos grandes gargalos

O presidente da Fieg Regional Anápolis, Wilson de Oliveira, avalia que a economia de Goiás deverá experimentar novo salto a partir do início das operações da Ferrovia Norte-Sul e do aeroporto de cargas na região, o que deverá ocorrer ao longo de 2014 e 2015, conforme previsão oficial. “As obras estruturantes vão impactar todos os setores: construção, cerâmico, metalmeccânico, vestuário, enfim, a economia goiana como um todo colherá bons frutos”, ressalta.

Em contrapartida, afirma Oliveira, tem sido preocupação recorrente de toda a indústria o problema do suprimento de energia elétrica, uma vez que a Celg não está conseguindo atender à demanda do setor produtivo. Muitas indústrias, diz ele, chegam a ficar com maquinários importados de valores altíssimos para-



■ Wilson Oliveira: obras consideradas estruturantes terão impacto sobre todos os setores da economia anapolina

dos. Empresas como a TransBraz, que atua com grupo geradores, instalou-se no Distrito Agro Industrial de Anápolis (Daia) para oferecer alternativa às empresas. De qualquer forma, sublinha Oliveira, é uma situação que gera ônus e que prejudica na atração de novos investimentos.

Outra preocupação do setor, de acordo com Oliveira, é quanto às políticas fiscal e tributária, em especial, diante da perspectiva de a reforma do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) significar o fim da política estadual de incentivos fiscais. “A regional reforçou a mobilização da Fieg junto ao governo do Estado, no ano passado, na marcha a Brasília, para sensibilizar os deputados, senadores e a presidente Dilma Rousseff, sobre os prejuízos que Goiás e outros Estados terão se houver um retrocesso na política de incentivos fiscais”, lembra.

NOVAMENTE ACIMA DA MÉDIA

Ainda em 2013, comenta Pedro Alves de Oliveira, o saldo de empregos formais em Goiás, de acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), teve incremento de 5,29% em relação a 2012, frente a uma variação de 2,82% para o restante do País. Na mesma direção, a queda do emprego industrial no País não se repetiu em Goiás, onde a pesquisa Indicadores Industriais da Fieg mostrou crescimento de 3,1% no total de ocupados no setor. O Produto Interno Bruto (PIB) goiano teria registrado avanço de 4,2% em 2012, quatro vezes mais do que o produto brasileiro, que sofreu variação de 1% apenas. Para 2013, as estimativas apontam incremento de 2,7% em Goiás diante de 2,4% para o PIB total do País.

EM ACELERAÇÃO

(Produção industrial cresce mais fortemente em Goiás, variação em % frente ao ano anterior)

Sector de atividade	2012	2013
Geral	3,9	5,0
Extrativa mineral	0,1	-2,7
Indústria de transformação	4,1	5,6
Alimentos e bebidas	-3,3	5,1
Produtos químicos	17,7	7,8
Minerais não metálicos	7,1	1,2
Metalurgia básica	4,9	0,6

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)



■ Alimentação: “esforço empresarial” permite que empresas superem metas de desempenho e possam projetar algum incremento

ALIMENTOS E BEBIDAS

Um ano ainda pior?

A perspectiva negativa desenhada por Mabel, no entanto, pode ser amenizada pelo desempenho mais favorável no setor de carnes e na indústria de panificação

“**Temo que os resultados** de 2014 sejam ainda piores do que os de 2013”, resume o presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás (Siaeg), Sandro Mabel. Essa perspectiva pouco animadora, prossegue o empresário, poderia ser alterada caso o País avançasse em direção a “uma reforma tributária, à flexibilização das leis trabalhistas, à regulamentação da atividade terceirizada e a uma política de incentivos fiscais que assegurem isonomia entre os Estados.”

No ano passado, prossegue Mabel, os indicadores mostram crescimento industrial “pífio”, com o “pior desempenho dos últimos cinco anos”. A expectativa de alguma reação foi frustrada e “o empresário tem medo de investir, pois não confia na política econômica.” Em Goiás, mais especificamente, “a falta de investimentos no setor elétrico traz prejuízos, insegurança e bloqueia investimentos também por parte da indústria”, acentua ele. A despeito das adversidades “e graças ao esforço empresarial”, Mabel aponta que várias indústrias conseguiram superar metas e, por isso, projetam crescimento, com geração de empregos e qualificação de pessoal, “impulsionando a economia do Estado”.



■ Sandro Mabel: indicadores mostram pior desempenho em cinco anos para a indústria brasileira no ano passado

Burocracia amarra setor

Numa avaliação menos pessimista, o presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (SindAlimentos), Wilson de Oliveira, avalia que o setor alcançou bom desempenho ao longo de 2013, diretamente ligado ao crescimento da produção agrícola e à expansão da agroindústria de Goiás. Segundo ele, o Estado tem, ao longo dos últimos anos, potencializado a agregação de valor em produtos como soja, milho e tomate, que são destaques na produção nacional.

Em Anápolis, Oliveira ressalta que o segmento de panificação tem se destacado e, em razão disso, o próprio SindAlimentos, por meio do diretor Hélio Ribeiro da Silva, empresário do setor, já desenvolve trabalho adiantado para a criação de um sindicato específico.

De qualquer forma, pondera Oliveira, o setor de alimentação enfrenta sérios problemas, um deles com relação à burocracia nos procedimentos que envolvem os licenciamentos ambientais e o excesso de exigências da Vigilância Sanitária. Ele cita o caso de uma grande indústria de processamento de soja do Daia que encontrou muita dificuldade para fazer a expansão de sua planta produtiva, necessitando do apoio do sindicato e da Fieg para solucionar os entraves. Em relação ao cenário para 2014, ele observa melhores perspectivas, já que o mercado de alimentação mantém-se em crescimento aqui dentro e lá fora.

A reinvenção das padarias

O setor de panificação conseguiu se reinventar nos últimos cinco ou seis anos para enfrentar a concorrência das grandes redes de supermercados e tem trabalhado para consolidar, desde 2010, o que o presidente do Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás (Sindipão), Luiz Gonzaga de Almeida, classifica como “padaria conceito”. A nova estratégia é diversificar e ampliar o mix de produtos e agregar serviços como verdadeiras lojas de conveniência. “A proposta é otimizar o espaço e aumentar o ticket médio de vendas”, acrescenta.

Essa mudança de foco assegurou à indústria do setor taxas de crescimento superiores a 10% desde 2007. “Como havíamos observado avanço de 13% em 2012, não esperávamos algo mais vigoroso no ano passado, mas os dados indicam incremento acima de 10%, o que tende a se repetir em 2014”, observa Almeida.



■ *Luiz Gonzaga de Almeida: com mudança no modelo de negócios, setor de panificação aguarda aumento na casa dos dois dígitos*

Bons resultados antecipam nova fase

Com uma indústria de produtos lácteos madura e consolidada, o Estado parece ter inaugurado, no ano passado, uma nova etapa de crescimento da produção, que vinha estagnada nos últimos anos. “O sindicato tem atuado de forma bastante vigorosa tanto na área industrial quanto no setor de produção, levando aos produtores de leite assistência técnica e um programa de longo prazo para melhoria genética do rebanho”, afirma Joaquim Guilherme Barbosa de Souza, presidente do Sindicato das Indústrias de Laticínios do Estado de Goiás (Sindileite).

“Acredito que foi um bom ano para o setor como um todo, com ligeiro crescimento da produção, e a perspectiva é que esse incremento continue em 2014”, avalia ele. Essa tendência deverá ser reforçada pela desvalorização do real frente ao dólar, que deverá dificultar as importações, que penalizam o setor produtivo, abrindo espaço ainda para exportações de leite e derivados. “Temos uma indústria próspera, que produz praticamente tudo na área de laticínios e que, inclusive, passou a importar matéria-prima. Até recentemente, exportávamos leite in natura para outros Estados”, ressalta Barbosa. “Hoje temos indústrias legitimamente goianas presentes em todos os Estados do País.

Oportunidades, apesar de tudo

“Este será um ano para transformarmos fraqueza em oportunidades”, antecipa José Nivaldo de Oliveira, presidente do Sindicato das Indústrias de Arroz e Feijão do Estado de Goiás (Siago). Segundo ele, a configuração atual do mercado, com baixos níveis de concentração, oferece possibilidades de expansão para o setor. “Acreditamos muito no poder da indústria goiana, que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, pode sim, devido à sua privilegiada posição geográfica, crescer e se tornar um polo industrial relevante”, observa.

Com o avanço da colheita da safra deste ano e a esperada estabilização dos preços, a expectativa do sindicato é de um ano melhor. “Vemos com otimismo a possibilidade de crescimento em 2014”, ressalta Oliveira.

O cenário poderia ser mais positivo, diz ele, se houvessem “investimentos pesados em algumas áreas vitais como a infraestrutura logística, tanto na recepção quanto no escoamento da produção, armazenamento e secagem, principalmente no Tocantins, em Goiás e Mato Grosso.”



■ *José Nivaldo de Oliveira: “Vemos com otimismo a possibilidade de crescimento em 2014”*



■ *Joaquim Guilherme: “Hoje temos indústrias legitimamente goianas presentes em todos os Estados do País”*

Maiores pressões sobre moinhos

A tendência de desabastecimento no mercado de trigo, observada ao longo do ano passado, deverá prevalecer pelo menos durante a primeira metade de 2014, com oferta ainda apertada, observa Alexandre Araújo Moura, presidente do Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste (Sinditrigo). Em 2013, esse cenário “jogou os preços nas alturas e permitiu que a cadeia produtiva do setor, no País, trabalhasse com margens melhores”, o que favoreceu a realização de algum investimento, especialmente para agregar valor à farinha de trigo.

Quando a baixa oferta é causada por frustração de safras na América do Norte ou na Europa, observa Moura, os moinhos instalados no Centro-



■ Alexandre Araújo Moura: alta de preços em 2013 favoreceu recomposição de margens pela indústria

Oeste conseguem se sair melhor, já que a indústria instalada mais próxima do litoral enfrenta dificuldades para atender ao mercado nas regiões mais centrais do País. Neste ano, no entanto, o quadro parece menos favorável, já que os moinhos do Sudeste e do Sul estarão mais competitivos porque poderão importar o produto da Argentina com isenção da Tarifa Externa Comum (TEC), incidente sobre importações de mercados fora do Mercosul.

A saída para o exterior

O crescimento de 10,6% nas exportações goianas de carnes (bovina, aves e suínos), para US\$ 1,733 bilhão no ano passado, contribuiu para assegurar “desempenho muito bom” para o setor como um todo, avalia José Magno Pato, presidente do Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás (Sindicarne). “A exportação favoreceu a estabilidade de preços em toda a cadeia”, comenta.

Para este ano, prossegue Pato, a previsão continua favorável, mas condicionada a fatores sobre os quais a indústria não tem poder de influência. “A promessa é de bons resultados para o mercado externo”, comenta ele, “desde que a inflação não dispare e a Rússia, maior comprador de carnes do Brasil, não suspenda as compras como tem acontecido”. O presidente do Sindicarne antecipa igualmente um cenário positivo para a suinocultura com a abertura do mercado japonês, mas ressalva que o setor pecuário, assim como o restante da economia goiana, “continua a sofrer com estradas em más condições e com a constante queda de energia elétrica.”



■ José Magno Pato: exportações favoreceram a “estabilidade de preços em toda a cadeia” da carne



■ Carlos Roberto Viana: “Este é um momento de cautela, de avaliar muito bem os próximos passos e evitar precipitação”

Uma situação delicada

Depois de atravessar um período de equilíbrio no ano passado, com maior previsibilidade e menores oscilações no mercado, a indústria de café está menos animada em relação a 2014. Segundo Carlos Roberto Viana, presidente do Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado (Sincafé), a seca recente no Sudeste e em parte do Centro-Oeste “atingiu em cheio a cafeicultura”, na fase de formação dos grãos. O longo período de escassez de chuvas afetou os cafezais, especialmente em Minas Gerais e no Espírito Santo, maiores produtores do País, e deverá comprometer a produção na safra em curso e também no ano agrícola 2014/2015.

Num mercado dominado por oscilações e solavancos, prossegue Viana, os custos da matéria-prima sofreram “alta enorme”, deixando o setor em suspense, já que ficou mais complicado realizar planejamento até mesmo de curto prazo. “Temos uma situação delicada em 2014 e estamos preocupados também com 2015. Este é um momento de cautela, de avaliar muito bem os próximos passos e evitar precipitação”, recomenda.

Setor lidera crescimento

Mercado de produtos farmacêuticos experimentou avanço de 13% no ano passado, mas teve sua lucratividade afetada pela desvalorização do real

Mesmo pressionada por aumentos de custos, agravados pela desvalorização cambial, que encareceu insumos importados, por menores reajustes nos preços dos medicamentos e margens cadentes, a indústria farmacêutica conseguiu encerrar 2013 com balanço positivo. A expectativa é repetir a dose neste ano, avalia Heribaldo Egídio da Silva, presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo).

O mercado de produtos farmacêuticos operou em alta de 13% ao longo do ano passado, movimento acompanhado pelas

indústrias goianas. Egídio lembra que a produção do setor industrial, como um todo, avançou em torno de 5% no ano passado, de acordo com a pesquisa industrial mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e o setor farmacêutico teve influência decisiva nesse resultado.

A despeito desse desempenho, prossegue Egídio, a lucratividade foi afetada negativamente pela variação cambial e pela política adotada pelo governo para a revisão dos preços do setor, que adota fator de produtividade a título de desconto para fixar o reajuste anual dos medicamentos. “Há grande intranquilidade no setor em relação



■ Heribaldo Egídio: “Há grande intranquilidade no setor em relação ao câmbio porque isso aumenta nossos custos”

ao câmbio e alguns laboratórios já trabalham com perspectiva de R\$ 2,60 para o dólar até o final do ano. Isso aumenta nossos custos com a importação de insumos, componentes e matérias-primas”, observa Egídio. Além disso, a gestão desses custos torna-se mais complicada na medida em que se acirra o processo de consolidação no varejo. “Hoje, meia dúzia de redes respondem pela compra do correspondente a 80% da produção”, ressalta.

POLO CONSOLIDADO

Os dados do Sindifargo apontam que Goiás já responde por 30% do abastecimento do mercado brasileiro de medicamentos. A produção mensal chega a 2,6 bilhões de doses de medicamentos, considerando todas suas apresentações e excluindo o segmento hospitalar, o que corresponde a mil doses por segundo ou a 14 doses por brasileiro ao mês. “Esses números consolidam o Estado como o segundo produtor nacional de medicamentos genéricos e similares”, afirma o presidente, Heribaldo Egídio.



■ Polo goiano: concentração excessiva no varejo também preocupa indústria, que já produz 2,6 bilhões de doses por mês

Investimentos milionários

Os laboratórios goianos esperam crescer entre 12% e 13% neste ano, segundo o presidente do Sindifargo, mas isso não significa que não haverá dificuldades. As exigências da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) na área regulatória e para implantação da logística reversa e da rastreabilidade de medicamentos determinarão, apenas em Goiás, investimentos de R\$ 150 milhões em três anos. Em todo o País, esse investimento sobe para R\$ 1,350 bilhão.

Heribaldo Egídio aponta ainda que este será o último ano para a conclusão dos testes em todos os medicamentos não genéricos, a custos igualmente elevados, no mesmo momento em que uma comissão criada pelo Ministério da Saúde discute com o setor a aplicação de uma redução de 35% nos preços dos produtos similares. A elevação dos juros para níveis estratosféricos

cria mais dificuldades, continua ele, assim como a manutenção da política de preços com base em indicadores de produtividade que “não sabemos como são calculados”.

Para contrabalançar, o orçamento de mais de R\$ 106 bilhões fixado neste ano para o Ministério da Saúde “anima o setor”.

Historicamente, em anos eleitorais, os investimentos do governo no setor de saúde têm apresentado tendência de crescimento “e acredito que isso vá ocorrer neste ano”, acentua Egídio.



■ *Setor farmacêutico: laboratórios esperam crescer em ritmo ainda acelerado neste ano, mas terão que enfrentar novos custos com exigências regulatórias*

Avanço com moderação

O Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás (Sindiquímica), segundo seu presidente, Jaime Canedo, trabalha com expectativa de crescimento apenas moderado para este ano, após um 2013 “que pode ser considerado muito bom”. O planejamento estratégico das empresas, o que inclui seus investimentos, afirma ele, tende a ser prejudicado pela ausência de políticas públicas que prevejam maiores investimentos em infraestrutura básica e pelas deficiências na área de distribuição de energia. “O problema da Celg deve afetar o setor químico no momento em que se prepara para aquecer sua produção, o que deverá ocorrer a partir do final do trimestre ou logo após o carnaval em março”, avalia Canedo.

O empresário cita ainda pressões geradas por “resíduos inflacionários de 2013” e “uma forte tendência de aumento de custos, que deverão atingir o mercado no final do primeiro trimestre, com impacto sobre os principais itens de consumo diário”, como fatores complicadores para o ritmo da atividade produtiva no setor neste ano.

No ano passado, Canedo destaca o desempenho do setor de cosméticos, que deve ter fechado o exer-

cício com crescimento médio de cinco a oito pontos percentuais acima da inflação, seguido pelo segmento de tintas e vernizes, embora os resultados do quarto trimestre, neste caso, tenham sido inferiores ao esperado. Enquanto a indústria de adubos e fertilizantes também apresentou crescimento real (acima da inflação), o presidente do Sindiquímica estima que a área de saneantes (produtos de limpeza) tenha apenas empatado com a inflação. “Os demais setores devem ter registrado resultados apenas moderados, porém positivos”, resume.



■ *Jaime Canedo: planejamento estratégico das empresas pode ser afetado pela ausência de investimentos públicos em infraestrutura*

O estrago dos importados

A invasão de produtos chineses rouba mercado das confecções goianas e foi a principal responsável pela queda de 4% a 5% no faturamento do setor

A ausência de medidas concretas contra a invasão de importados e o avanço da informalidade, que comprometeram o desempenho do setor no ano passado, deve trazer cenário ainda pior para 2014, segundo o presidente do Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia (Sinroupas), Edílson Borges. “Sem medidas estratégicas em favor do setor formalmente estabelecido, estamos cada vez mais perdendo força.”

De acordo com Borges, o setor de confecções enfrentou mais um ano difícil em 2013, com queda entre 4% e 5% no faturamento das empresas, repetindo o mesmo cenário desfavorável observado nos últimos anos pela indústria goiana da moda, “que já figurou entre as mais destacadas do País”. A indústria legalizada, “que paga impostos, não consegue competir com os informais, que não têm quase custo algum na venda de seus produtos.”

Um dos resultados tem sido o decréscimo no número de empresas formais, com consequente aumento das informais. “Na Rua 44, em Goiânia, que é um dos principais pontos de comércio de roupas, sapatos e acessórios, mais de 70% das empresas e indústrias de confecção operam na



■ Edílson Borges: “Sem medidas estratégicas em favor do setor formalmente estabelecido, estamos cada vez mais perdendo força”

informalidade. Estima-se que o local abrigue mais de 10 mil estabelecimentos”, aponta Borges. “Enquanto não houver ações, principalmente por parte da Prefeitura, no sentido de fiscalizar e coibir a atuação de ambulantes e de indústrias informais, a perspectiva é de que, em alguns anos, todo o setor opere na informalidade”, com perdas de arrecadação para o Estado.



■ Concorrência desleal: avanço da informalidade ameaça empresas estabelecidas legalmente

UM GRANDE PONTO DE INTERROGAÇÃO

O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário do Estado de Goiás (Sinvest), José Divino Arruda, afirma que tentará manter expectativa positiva neste ano, mas adianta que o cenário aponta par estagnação do setor. “Para nós, o ano de 2014 é um ponto de interrogação. Estamos otimistas, mas com a mão no freio”, acrescenta.

Segundo ele, as confecções anotaram fase mais positiva no primeiro semestre do ano passado, mas a produção entrou em queda no semestre seguinte, refletindo o desaquecimento da demanda em geral. “Tivemos o aumento do dólar, o que impactou a fabricação de alguns produtos que têm o preço atrelado à moeda, o acirramento cada vez maior dos importados frente aos produtos nacionais – grandes lojas, atualmente, importam quase 100% de seus produtos da China – e o agravamento da questão da informalidade, que se expande devido à alta carga tributária”, analisa.



■ José Divino Arruda: “Estamos otimistas, mas com a mão no freio”, afirma o presidente do Sininvest

De olho na conjuntura

O ano de 2014 será de desafios, avalia o presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis (Siva), Jair Rizzi. O setor, acredita ele, tem grande potencial para se desenvolver no Estado, mas precisa, assim como em todo o País, de um olhar especial para a solução de alguns gargalos.

Os números ajudam a dar uma dimensão da cadeia têxtil no Brasil, que é formado pelos segmentos de fibras e filamentos, têxtil (fiação, tecelagem, malharia e acabamento) e vestuário. Dados consolidados de 2011 registram que o setor como um todo produ-

ziu US\$ 67,3 milhões, representando 5,6% do total da produção da indústria de transformação do País. Os números de emprego também são significativos, uma vez que representam 16,2% do emprego total da indústria de transformação. O Brasil é o quinto maior produtor de manufaturados têxteis e de vestuário. E, embora tenha participação robusta na economia, o setor carece de mais políticas de incentivo.

A indústria apresenta como ponto fraco, segundo alguns estudos, o fato de estar muito suscetível à variação cambial. “Quando há desvalorização, tem-se o aumento de preço dos insumos importados e, quando há valorização, o problema é a perda de competitividade ante os produtos importados”, diz

Rizzi. Para ele, o setor deve, portanto, trabalhar com cautela, com boas práticas de gestão e buscando, cada vez mais, a qualidade na produção.



■ *Jair Rizzi: cautela e boas práticas de gestão em busca, “cada vez mais, de qualidade na produção”*

Informações estratégicas para o mercado agropecuário



Cotações de Bolsas, moedas, indicadores financeiros, índices, taxas de juros, sistema de análise gráfica, módulo de estratégias, estatísticas correntes, previsões climáticas, recursos para negociação eletrônica e muito mais.

Exclusivas análises, preços físicos e notícias em tempo real de Safras & Mercado, a consultoria líder do agronegócio brasileiro.

Solicite uma demonstração gratuita



www.safras.com.br
Tel.: (61) 3224-5552

Ambiente desfavorável aos negócios

Mesmo com alta de custos, juros mais elevados e impostos ainda pesados, curtumes e fabricantes de calçados acreditam em aumento da produção e das vendas



■ João Essado: nas exportações de couro, Goiás perde apenas para Rio Grande do Sul e São Paulo

A despeito de um “ambiente nada simpático” aos negócios, com manutenção de carga tributária na faixa de 37% do Produto Interno Bruto (PIB) e de juros acima de 10,5% ao ano e política comercial burocratizada, a indústria de curtimento de couros deverá apresentar crescimento, “tanto na produção quanto na participação no mercado internacional”, afirma o presidente do Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás (Sindcurtume), João Essado.

Além disso, continua o empresário, “o governo não renovou o Reintegra, deixando de ressarcir 3% do valor exportado e a União Europeia excluiu o Brasil do Sistema Geral de Preferências (SGP), aumentando as tarifas de importação do couro brasileiro em até 3,5%”. Ainda assim, considerando-se que “o dólar encerrará o ano com paridade entre R\$ 2,45 e R\$ 2,50”, as exportações de couro devem ser favorecidas.

No ano passado, relembra Essado, a indústria brasileira do couro alcançou resultados positivos, com produção de 45 milhões de peles, das quais 35 milhões – ou 77% – foram destinadas ao mercado externo, gerando US\$ 2,5 bilhões em divisas. A indústria goiana, com vendas externas de US\$ 314 milhões, respondeu por 12% das exportações brasileiras de couro. “Nesta área, o Estado foi suplantado somente pelo Rio Grande do Sul e por São Paulo. A indústria do couro vem se fortalecendo em Goiás, obtendo constantes evoluções em seus resultados anuais e se sobressaindo nas operações de comércio exterior”, sentencia Essado.

DEPOIS DA ESTAGNAÇÃO...

O ano começou melhor para o setor calçadista, depois de atravessar fase de estagnação em 2013, observa Elvis Roberson Pinto, presidente do Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás (Sindicalce). “O custo operacional aumentou no ano passado e a falta de mão de obra também pesou na balança do setor, mas 2014 está começando melhor”, complementa. A participação de empresas goianas em feiras e exposições em outras regiões do País, constata o empresário, “começou a movimentar a produção e fomentar negócios. Espera-se que seja um ano melhor, apesar da Copa no Brasil e das eleições.”



■ Elvis Roberson Pinto: a participação em feiras começa a movimentar a produção e a “fomentar negócios”



■ Canteiro de obras: setor de obras públicas foi beneficiado, em 2013, por investimentos do Estado em infraestrutura

CONSTRUÇÃO CIVIL

Após acomodação, a retomada

Os investimentos em tecnologia e qualidade e a demanda no segmento de imóveis econômicos devem manter setor aquecido ao longo do ano

A indústria da construção civil tende a retomar o crescimento neste ano, depois de fase de acomodação do mercado em 2013, “mas não na mesma velocidade de anos anteriores”, acredita Carlos Alberto de Paula Moura Júnior, presidente do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO). A demanda reprimida por novas moradias na área de imóveis econômicos deverá manter o segmento aquecido, “com destaque para o programa Minha Casa Minha Vida (MCMV)”, completa.

As empresas do setor, seguindo os requisitos gerados pela Nor-

ma de Desempenho de Edificações (NBR 15.575), comenta Moura Júnior, deverão reforçar investimentos em tecnologia e qualidade das obras. “Os empreendedores goianos estão maduros, lançando empreendimentos baseados em estudos, por isso, acreditamos que a estabilidade que atingiu o mercado habitacional no Brasil em 2013 não deverá ser forte em Goiás, que continuará operando em normalidade nos nichos específicos”, avalia ainda.

A área de telecomunicações também apresenta boas perspectivas para o setor ao longo deste ano, surgindo como principais vetores de crescimento, na visão



■ Carlo Alberto Moura Júnior: “Se não houver investimentos em infraestrutura, o crescimento será represado e poderemos sofrer durante a Copa do Mundo”

de Moura Júnior, a crescente procura pela televisão por assinatura com tecnologia digital e a internet 4G. Porém, adverte o presidente do Sinduscon-GO, “se não houver investimentos em infraestrutura, o crescimento será represado e poderemos sofrer durante a Copa do Mundo, como ocorreu na Copa das Confederações, com sobrecarga dos sistemas durante os jogos”. Como pontos críticos, ele cita a geração e distribuição de energia elétrica, “que carecem de investimentos para destravar o crescimento do parque industrial goiano.”

À espera de reformas estruturais

Num cenário de aceleração da oferta de emprego, a construção civil ainda teve como um dos gargalos, durante o ano de 2013, a falta de mão de obra qualificada. Para o presidente do Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma), Álvaro Otávio Dantas Maia, quando desconsiderada essa questão, o setor caminhou bem e teve crescimento moderado. “Não foi uma festa de arramba, mas também não foi um caos”, comparou.

Em sua avaliação, todos os setores da economia e, dentre eles, o da construção, necessitam que o País avance nas reformas estruturais e nas políticas de educação, saúde, segurança e infraestrutura. “Nós precisamos que a classe política dê melhor resposta às demandas da sociedade, porque isso se reflete de forma significativa para as empresas, para os trabalhadores e a sociedade de uma maneira em geral”, pontuou.

Maia avalia que, de uma forma geral, todos os segmentos ligados ao setor da construção tiveram desempenho razoável, uma vez que são atividades interligadas. Ele destacou que, em Anápolis, especificamente, o segmento da marmoraria vem apresentando boa performance. No ano passado, o Sebrae, em parceria com o Sicma, iniciou um trabalho para fortalecer a atividade e as ações vêm dando bom resultado, com participação

bastante ampla das indústrias, que querem atingir nível maior de profissionalização para ampliar mercados e se tornarem mais competitivas. Para 2014, ressaltou Maia, a expectativa é de que o setor da construção civil continue mantendo bom ritmo de crescimento, muito embora a economia do País, como um todo, esteja crescendo de forma tímida.



■ Álvaro Otávio Dantas Maia: “Nós precisamos que a classe política dê melhor resposta às demandas da sociedade”

DESEMPENHO POR SETOR

Num ano de “equilíbrio”, na descrição de Carlos Alberto de Paula Moura Júnior, a indústria imobiliária apresentou “desempenho estável frente a 2012, com o estoque de unidades habitacionais equilibrando-se nos níveis usuais e o índice de velocidade de vendas sobre a oferta mantendo-se com boa média”. Empreendimentos lançados com apoio em estudos de nichos de mercado, com projetos diferenciados, aponta o presidente do Sinduscon-GO, “tiveram níveis de vendas totalmente satisfatórios, sendo que alguns atingiram 100% de comercialização ainda no lançamento”.

Movimentado pelos investimentos do governo estadual em infraestrutura rodoviária, prossegue

ele, o segmento de obras públicas “obteve desempenho superior ao ano anterior”.

Faltaram investimentos no setor de telecomunicações, que “experimentou crescimento vertiginoso da demanda”, com avanço no uso de dispositivos móveis e expansão do tráfego de dados como consequência do maior acesso à banda larga. “As concessionárias precisam investir mais em construção de redes de telefonia com fibra óptica, satélites etc.”, defende Moura Júnior. O setor elétrico continuou sendo um gargalo. “O problema político referente à administração da Celg, hoje compartilhada, fez com que fossem relegados a segundo plano as necessidades da população e do setor produtivo”, comenta



■ *Célio Eustáquio de Moura: perspectiva de crescimento mais forte apenas a partir do próximo ano*

“Resultados medíocres”

Avaliação recorrente entre lideranças empresariais do Estado, também o presidente do Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás

(Sindcel), Célio Eustáquio de Moura, debita na conta da crise que envolve a Celg os resultados “medíocres” do setor em 2013. Sem recursos para investir em distribuição de energia, a estatal não conseguiu atender às necessidades de expansão da indústria e viu prejudicada a qualidade do serviço que presta.

Os avanços recentes nas tratativas entre o governo estadual, Eletrobrás e União permitem vislumbrar, nas palavras de Moura, que

“as soluções parecem estar a caminho, mas ainda demandarão tempo”. Como resultado de anos de baixos investimentos, o presidente do Sindcel afirma que será necessário repor cabos e redimensionar sistemas, com desmembramento de circuitos e eventualmente troca de transformadores para que o serviço recupere sua confiabilidade e qualidade.

O processo de retomada do setor, submetido à velocidade de decisões políticas e técnicas até a transferência final de 51% das ações da Celg Distribuição para a Eletrobras, ainda deve demorar, o que coloca a perspectiva de crescimento mais forte para a indústria do setor representado pelo sindicato apenas para 2015, pondera Moura.

Aposta na tecnologia

A indústria moveleira, embalada pelo crescimento do mercado imobiliário nos anos anteriores, manteve a tendência de crescimento em 2013, analisa Pedro Silvério, presidente do Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás (Sindmóveis), e espera resultados ainda melhores neste ano.

Dois fatores principais dão sustentação à expectativa otimista do setor, na versão de Silvério, que cita em primeiro lugar a inauguração, em dezembro passado, da Oficina Moveleira na Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, em Goiânia. “Trata-se de uma nova es-



■ *Pedro Silvério: perspectiva de mais quatro polos do setor moveleiro no Estado deixa setor mais animado em 2014*

trutura de atendimento nos campos da formação de mão de obra e assistência técnica e tecnológica, desenvolvida com participação do Sindmóveis e de empresários do setor”, detalha ele.

Adicionalmente, está prevista a instalação de mais quatro novos polos industriais moveleiros no Estado, em Anápolis, Goiânia, Novo Gama e Rubiataba, segundo informação do governo estadual, acrescenta Silvério. “Esses dois fatores, aliados a um bom momento do mercado para o setor, possibilitarão a expansão das indústrias do setor”, diz o empresário, que espera a abertura de novas empresas e o crescimento da produção, com padrão de qualidade aprimorado. “Nesse cenário, projetamos uma aproximação junto aos grandes varejistas de móveis, com lojas em Goiás, que atualmente compram 90% de seus móveis na Região Sudeste”, acredita Silvério.

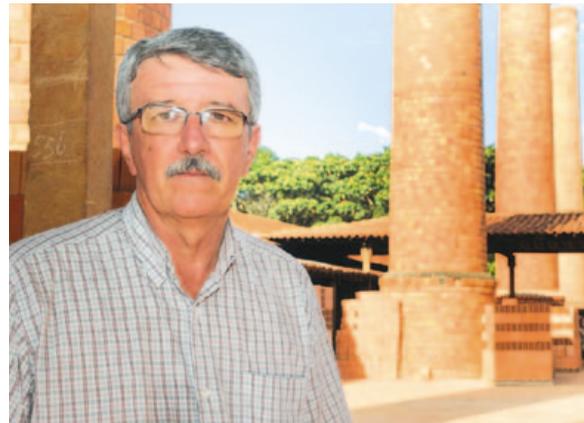
Informalidade, uma preocupação

O presidente do Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás (Sindicer/GO), Henrique Wilhelm Morg de Andrade, analisa que o ano de 2013 foi fraco para o setor em Goiás. Segundo ele, uma das causas principais está relacionada à abertura de grande número de novas indústrias na informalidade, concorrendo de forma desleal com as indústrias que atuam formalmente e assumem todos os custos e obrigações legais, além de estarem expostas a todas as modalidades de fiscalização.

Diante desse quadro, ponderou Morg, as empresas que conseguiram atravessar o ano “sem maiores sequelas foram aquelas que têm procurado se qualificar e atingir grau maior de profissionalização, racionalizando a parte operacional com o enxugamento

de despesas.” O mercado é cada vez mais exigente, prossegue Morg, e as empresas devem se empenhar em mostrar que os produtos de qualidade “aparentemente custam mais, porém, acabam saindo mais barato no final das contas”, já que a aquisição de produtos sem procedência e fora dos padrões gera transtornos maiores para os consumidores. “Por isso, aquelas empresas que resistem em adotar a qualidade de forma sistêmica, e estamos falando das empresas que atuam na legalidade, acabam tendo maior dificuldade no setor”, pontuou.

Para 2014, segundo Morg, o setor espera ação fiscalizadora mais incisiva por parte dos órgãos competentes, sejam estaduais ou



■ Henrique Morg: “As empresas que resistem em adotar a qualidade de forma sistêmica acabam tendo maior dificuldade”

federais, no combate à atuação das empresas que estão atuando de modo informal. De forma mais geral, avalia Morg, a expectativa do empresário ceramista é de que haja sensatez nas políticas públicas com relação à economia como um todo e quanto à cadeia produtiva da construção civil, especificamente.

ABAIXO DO ESPERADO

A indústria de produtos de cimento não espera 2014 com otimismo, depois de passar por um ano de crescimento abaixo do esperado. “Não tivemos os resultados que aguardávamos em 2013. O crescimento do número de empresas contribuiu para tornar as vendas mais pulverizadas, com pequena redução no volume produzido por empresa”, afirma Luiz Ledra, presidente do Sindicato das Indústrias de Produtos de Cimento do Estado de Goiás (Sinprocimento).

Contribuíram de forma negativa na construção desse cenário, acrescenta Ledra, a baixa qualificação da mão de obra, que afeta especialmente as pequenas empresas do setor, e um encarecimento dos custos de capital motivado pelo atraso na liberação de crédito do Minha Casa, Minha Vida. A demora forçou a indústria a buscar recursos mais caros no mercado, com impacto sobre os custos do setor.

As paralisações da produção esperadas para o período da Copa do Mundo e, na sequência, durante a campanha política para as eleições no segundo semestre, acrescenta Ledra, deverão limitar as chances de crescimento do setor. “Se conseguirmos produzir o mesmo volume do ano passado já terá sido positivo”, sentencia.



■ Luiz Ledra: “O crescimento do número de empresas contribuiu para tornar as vendas mais pulverizadas”

Concorrência ilegal

O avanço da informalidade incomoda também as indústrias de gesso e decorações, roubando mercado que poderia ser atendido por empresas regularmente estabelecidas. Mas não impediu crescimento entre 20% e 25% no ano passado, na estimativa do presidente do Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás (Sindigesso), José Luiz Martin Abuli. Além da informalidade, o empresário aponta a falta de mão de obra especializada como outro empecilho ao desempenho ainda melhor da indústria. “Obras não faltam, mas as empresas não conseguem assumir novos contratos por falta de funcionários.”

Esses contratos, continua Abuli, acabam sendo atendidos pelo setor informal, que tem crescido mais recentemente como reflexo indireto da crise nas economias mais desenvolvidas. “Muitos brasileiros e, entre eles, goianos, tiveram de retornar ao País e vários

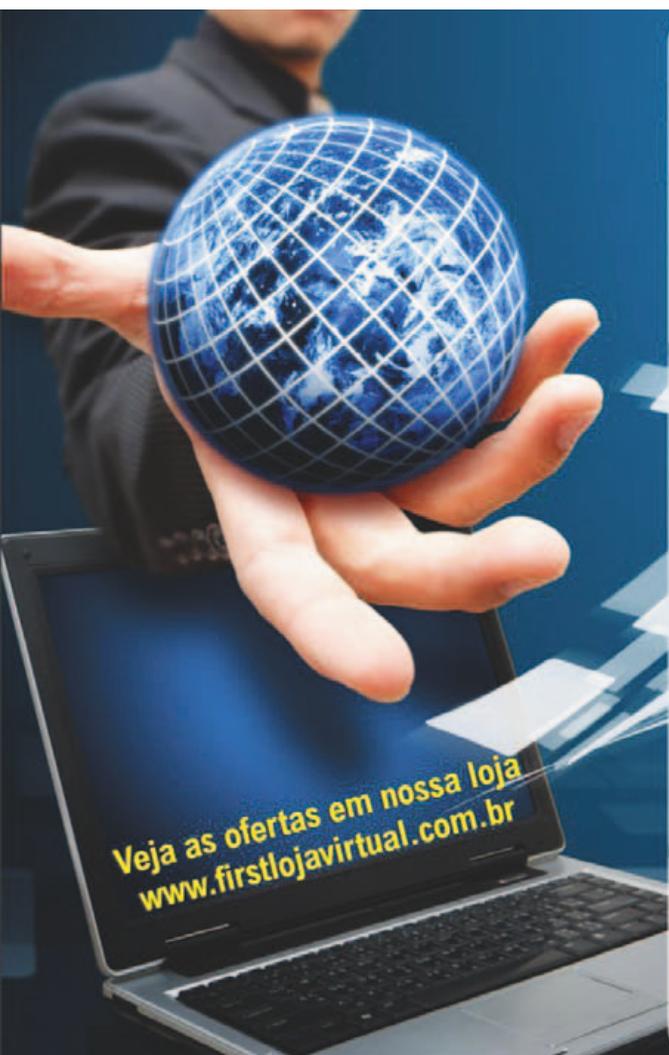
decidiram abrir uma ‘empresinha’ para atuar no setor de colocação de gesso”, diz ele. Apenas no ano passado, contabiliza Abuli, meia dúzia de indústrias formais fechou as portas como resultado da concorrência desleal da informalidade.

Num agravante, as empresas informais “aprenderam a comprar placas de gesso prontas do Nordeste, a um custo muito baixo, porque

só precisam incluir a mão de obra. O resultado é que ficamos fora do mercado, porque temos de enfrentar todos os custos dos encargos sociais e da alta carga tributária”, queixa-se. A redução dos lançamentos no setor imobiliário deixa Abuli pouco otimista. “Não vejo mudanças no cenário para o setor neste ano”, reforça.



■ José Luiz Martin Abuli: “As empresas não conseguem assumir novos contratos por falta de funcionários”



FIRST

SISTEMAS E SOLUÇÕES EM TECNOLOGIA

Amplie seus diferenciais competitivos

- ▶ Automação empresarial
- ▶ Consultoria, assessoria e auditoria em TI
- ▶ Desenvolvimento de soluções, aplicativos e sites para internet
- ▶ Sistemas de gestão empresarial (ERP) para comércio, indústria, prestação de serviços
- ▶ Gestão eficiente para indústrias gráficas
- ▶ CRM e BI – Business Intelligence
- ▶ Instalação e configuração de servidores
- ▶ Computadores, impressoras, servidores e equipamentos em geral

Veja as ofertas em nossa loja
www.firstlojavirtual.com.br

+55 (62) 3924-8007

Rua 5 nº 691, Sala 1112, Ed. The Prime Office Tamandaré,
Setor Oeste, CEP 74.115-060 - Goiânia - Goiás

Muita turbulência na mineração

■ *Novo marco regulatório: mineradoras temem maior intervenção e aumento da contribuição financeira no setor mineral*

Carga fiscal, preços em queda, custos elevados e energia mais cara deverão desencorajar investimentos em pesquisa e exploração mineral

O presidente do Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás de Distrito Federal (Sieeg), Domingos Sávio Gomes de Oliveira, antecipa mais um período de turbulências e dificuldades para as mineradoras no Estado e no restante do País diante das incertezas geradas pela mudança no marco regulatório do setor e pelas condições menos favoráveis nos mercados doméstico e externo. A alta volatilidade, com tendência à retração, dos preços das commodities minerais, os custos elevados, pressionados pela energia mais cara e pela pesada carga tributária, e a elevação dos juros básicos, analisa Sávio, tendem a desencorajar investimentos, diante da esperada redução no fluxo de caixa e nos resultados operacionais

das empresas, comprometendo sua lucratividade.

Segundo ele, “será necessário um controle muito forte na busca de redução de custos e aumento de produtividade para garantir a sustentabilidade do negócio”. Sávio acrescenta que a maioria das mineradoras “está revisando estruturas organizacionais, cortando investimentos na área de exploração, projetos, mão de obra.”

Numa visão mais geral, o empresário considera que as empresas tenderão a focar investimentos em projetos que oferecem maior retorno num prazo mais curto, “reduzindo assim as perspectivas de sustentabilidade do setor no longo prazo”. De acordo com Sávio, as propostas do governo para o novo marco regulatório têm igualmente afugentado investimentos, redirecionados para outros setores e mesmo para fora do País. “Outro fator relevante que concorre com os ganhos de performance está relacionado à logística de transporte, ou seja, malha rodoviária ruim e poucas opções na malha ferroviária e hidroviária”, afirma ainda.

“PROPOSTA ABSURDA”

Domingos Sávio considera “absurda a proposta de restrição e cerceamento da atividade mineral, acrescida de oneração ainda maior do setor” via elevação da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), num momento em que outros setores da indústria são “beneficiados com inúmeras desonerações e privilégios”.

O presidente do Sieeg ressalta que o aumento da taxa básica de juros e a provável elevação da CFEM podem “inviabilizar empreendimentos de mineração”, além de elevar os preços das commodities minerais, “com reflexo no aumento dos preços dos bens minerais essenciais às indústrias”.



■ *“Será necessário um controle muito forte na busca de redução de custos e aumento de produtividade para garantir a sustentabilidade do negócio”*

Investimento em baixa

Na visão de José Antônio Vitti, presidente da Câmara Setorial de Mineração (Casmin) e do Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás (Sininceg), o ano passado foi um período difícil para o setor mineral como um todo, estimando retração de 30% nos investimentos. O clima tornou-se ainda mais intranquilo em função do projeto do novo marco regulatório da mineração, “elaborado pelo governo a portas fechadas e agora no Congresso, e que trouxe muita insegurança jurídica”. Sua aprovação resultará em “aumento da tributação no setor, que já arca com encargos muito altos, extinção do direito de exploração a quem descobre a mina e limitação para o prazo das concessões minerais, entre outros pontos importantes”.

Vitti acrescenta que as “dificuldades de distribuição de energia pela Celg e a conclusão indeterminada da Ferrovia Norte-Sul prejudicam qualquer tipo de expansão do setor”. Sua estimativa para 2014 é de estagnação do setor de mineração.



■ José Antônio Vitti: presidente do Sininceg e da Casmin prevê estagnação para a área mineral

CENÁRIO DE APREENSÃO

No caso específico da indústria de calcário, José Vitti acredita que “2013 foi um ano razoável para o setor, apesar da concorrência desleal que enfrentamos com a chegada de novas empresas praticando preços muito abaixo do mercado”. Ao longo deste ano, o cenário é de apreensão, levando-se em conta que a atividade do setor “está diretamente ligada à agricultura”. E os produtores, afirma, “já sinalizaram que será um ano de dificuldades, por conta da falta de chuvas, perda de produtividade e safra de soja excedente no exterior, o que eleva os estoques mundiais e derruba os preços” do grão. Como alternativa para beneficiar os dois setores, Vitti sugere sua inclusão pelo governo federal na política agrícola de medidas de “repactuação de dívidas rurais e de subsídios aos produtores”.

Perspectiva mais promissora

A indústria de rochas ornamentais apresentou crescimento de 15% no ano passado e tem a expectativa de registrar taxas ainda mais promissoras em 2014, na visão do presidente do Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás (Simagran), Eliton Rodrigues Fernandes. “As rochas extraídas no Estado vêm sendo, inclusive, exportadas para outras regiões do País e para o exterior. Porém, com o aumento do poder aquisitivo da população, há necessidade de definir novas políticas e meios alternativos para fortalecer o setor”, declara.



■ Eliton Rodrigues Fernandes: necessidade de definir novas políticas e “meios alternativos para fortalecer o setor”

As possibilidades de crescimento da indústria de mármore e granitos, estimuladas mais uma vez pelo ano eleitoral e pela Copa do Mundo, podem ser ainda limitadas por alguns fatores, cita Fernandes. “As falhas no atendimento à demanda por energia elétrica, assim como a burocracia e a fiscalização excessivas, causam impactos na produtividade e no desenvolvimento do segmento”, diz Fernandes, defendendo a abertura de créditos para pequenos empresários.

Salto de 45% em 2014

O intenso esforço realizado pelo Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás (Sindiareia), em parceria com o Sistema Fieg, incluindo ações articuladas ainda com as câmaras da construção e da mineração e com o Sinduscon-GO, deverá estimular um salto vigoroso do setor neste ano, depois dos bons resultados já colhidos em 2013. Na estimativa do presidente do Sindiareia, Gilberto Martins da Costa, a indústria de extração de areia deverá crescer alguma coisa ao redor de 45% ou 48% em 2014, superando largamente o avanço de 18% registrado no ano passado.

“O recolhimento da CFEM pelo setor era inexpressivo e agora já ganha representatividade”, reforça Costa. A ofensiva conjunta para valorização das empresas legalmente estabelecidas, estimu-

ANDANDO DE LADO

A indústria de extração de brita tende a “andar de lado” neste ano, repetindo o desempenho de 2013, “o que já é ruim”, prevê o presidente do Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de Goiás, Tocantins e Distrito Federal (Sindibrita), Flávio Santana Rassi. “Sou em geral um otimista, mas acho que o ano passado não foi muito bom, mas apenas razoável para o setor, com tendência de retração ao final”, afirma.

Num ano eleitoral, Rassi antecipa aumento da intervenção do governo federal na atividade, “o que deixa uma interrogação muito grande” acerca do futuro imediato da indústria. A queda da confiança do empresariado, analisa ainda, deverá desestimular investimentos, numa tendência agravada pela ausência de obras de grande impacto neste ano.



■ Flávio Santana Rassi: “Sou em geral um otimista, mas acho que o ano passado não foi muito bom, mas apenas razoável”



■ Gilberto Martins da Costa: “Toda empresa deve emitir nota fiscal e ter licença ambiental para conseguir vender areia para construtoras”

lando sua produção e suas vendas, ganhou o reforço, desde julho do ano passado, da norma de desempenho NBR 15.575, da Associação

Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que estabeleceu um novo marco regulatório para toda a cadeia da construção civil.

“Toda empresa deve emitir nota fiscal e ter licença ambiental para conseguir vender areia para construtoras. Isso resolve em grande parte o grande problema da informalidade no setor”, acredita Costa. Além disso, houve um reforço na fiscalização nesta área, com a instalação de balanças nas rodovias pelo governo estadual e maior rigor dos agentes do fisco estadual, “atendendo a um pleito do sindicato”, complementa ele. Essas mudanças autorizam o maior otimismo do Sindiareia em relação ao desempenho da indústria neste ano.



GRÁFICA E EMBALAGENS

Espaços para avançar

Enquanto o setor de materiais plásticos enfrenta um mercado apenas morno, a indústria gráfica confia em resultados mais positivos neste ano

A indústria de matérias plásticas em Goiás fechou o ano passado com índice apenas moderado de crescimento, estimado em torno de 2,5% pelo presidente do Sindicato das Indústrias de Material Plásticos do Estado de Goiás (Simplago), Olympio José Abrão. “A economia tem concentração de competitividade no setor de embalagens flexíveis, o que torna um segmento saturado em oferta”, observa ele.

Nichos de mercado, envolvendo especialidades, a exemplo da reciclagem e dos setores automobilístico e de construção civil, vislumbram “resultados operacionais mais sensíveis”, numa avaliação empírica. O sindicato aguarda os resultados de uma pesquisa setorial mais completa, a cargo do IEL Goiás, para ter dados mais con-

sistentes. O levantamento, com bases mais científicas, permitirá à indústria do setor visualizar oportunidades mais concretas para explorar “áreas de negócios em franca expansão, como é o caso do setor de cosméticos”, afirma Abrão.

Para este ano, ele espera “uma conscientização dos empresários em relação às novas oportunidades e especialidades”, com investimentos direcionados para atender a necessidades mais recentes do mercado, mas especialmente em produtos que atendam a normas de segurança. “A participação em feiras especializadas faz com que inovações sejam experimentadas no mercado, o que amplia o mix de produtos da indústria plástica, colaborando na melhoria da margem líquida e para a perpetuidade da empresa”, declara ele.

■ *Olympio José Abrão:*
“A economia tem concentração de competitividade no setor de embalagens flexíveis, o que torna um segmento saturado em oferta”



■ *Antônio Almeida:* “O parque gráfico do Estado está estruturado, com equipamentos de última geração e capacidade para atender quaisquer necessidades do mercado”

Nas gráficas, mercado aquecido

A indústria gráfica prepara-se para mais um período de crescimento em 2014, antevendo mercado aquecido como reflexo das eleições para governadores e para presidente da República e da realização da Copa do Mundo. “Estamos confiantes de que este será um ano promissor para o segmento industrial gráfico goiano. Um ano de crescimento em virtude, sobretudo, do calendário, que está repleto de grandes eventos”, avalia o presidente do Sindicato da Indústria Gráfica do Estado de Goiás (Sigego), Antônio Almeida.

O empresário observa que toda a indústria da comunicação, incluindo as gráficas, será

favorecida por esses movimentos, que corresponderão a um incremento na procura por serviços gráficos. “São acontecimentos que irão movimentar bastante todo o País e as gráficas goianas estão aparelhadas, qualificadas e preparadas para atender essa grande demanda”, reforça Almeida.

Ainda de acordo com ele, o parque industrial gráfico do Estado está “estruturado, com equipamentos de última geração e capacidade para atender quaisquer necessidades do mercado em impressos, com qualidade e a preços competitivos. As gráficas goianas têm absorvido bem essa demanda crescente.”

Em sua avaliação, as gráficas de médio e grande porte têm registrado melhor desempenho, capitalizando as chances geradas pelo aquecimento da economia em Goiás. “Elas têm conseguido uma coisa absolutamente importante, que é a fidelização, ou seja, fazer com que os clientes se tornem fiéis à empresa”, comenta. Para isso, realizaram investimentos em máquinas e equipamentos de alta tecnologia, capacitaram pessoal e aprimoraram o atendimento ao cliente, passando a operar com maior volume de produção, continua Almeida.

DIFICULDADES PARA AS MENORES

As gráficas de menor porte, no entanto, ainda enfrentam dificuldades para conseguir maior inserção no mercado e acompanhar a constante atualização tecnológica no setor. “É fundamental investir e saber utilizar os recursos tecnológicos, de forma sistêmica e sinérgica, para se manter num mercado cada vez mais exigente”, aponta Antônio Almeida. Ele lembra que alguns produtos, como impressos fiscais, foram desaparecendo, perdendo espaço para meios digitais, assim como a internet “promoveu alterações profundas e as gráficas precisam se adaptar a esse novo cenário.” As pequenas gráficas, sustenta ainda o presidente do Sigego, “devem mudar o foco de atuação em busca de novos nichos de mercado, que estão surgindo.”

www.globalinovacoes.com.br

Soluções Corporativas Personalizadas

- » Operações de M&A
- » Due Diligence
- » Finanças Corporativas
- » Reestruturação, Expansão,
Consultoria e Planos de Negócios
- » Avaliação, Compra e
Venda de Empresas

62 3015-8007

GLOBAL
Negócios e Inovações empresariais

Rua 5 nº 691, Sala 1112,
Ed. The Prime Office Tamandaré,
Setor Oeste, CEP 74.115-060,
Goianã, Goiás



METALMECÂNICO

Previsão apenas modesta

Setor metalúrgico, mecânico e elétrico espera um crescimento de somente 2% neste ano, especialmente nas áreas onde a concorrência com os chineses é mais acirrada

As indústrias metalúrgicas, mecânicas e de material elétrico no Estado de Goiás sofreram as consequências naturais do ritmo lento da economia brasileira em 2013, comenta o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo), Hélio Naves.

Emprego, salários e vendas seguiram trajetórias diferenciadas e mesmo opostas em alguns casos, lembra Naves. “Embora a remuneração real dos trabalhadores tenha aumentado em quase 5% no ano, os empregos cresceram menos de 2% e as vendas, quando descontada a inflação, apresentaram redução da ordem de 1,5%.”

Os números, prossegue, demonstram as dificuldades enfrentadas por muitas empresas do setor, “especialmente as que fabricam produtos sujeitos à concorrência com produtos chineses”. O segmento da indústria que produz bens destinados à construção teve seu desempenho favorecido

“pelo ritmo mais intenso das atividades, embora também tenha se desacelerado ao longo do ano”, avalia Naves.

Em cenário semelhante, o setor metalúrgico, mecânico e elétrico iniciou 2014 com perspectiva de crescimento de apenas 2%, “o que por si já cria expectativa pouco otimista”, adianta ele. A redução nos níveis de confiança do empresariado, relevada pelas pesquisas mais recentes da Fieg e da Confederação Nacional da

Indústria (CNI), e a previsão de paralisação das fábricas durante a Copa do Mundo, com redução no ritmo produtivo ao longo do período eleitoral, levam o presidente do Simelgo a recomendar cautela aos empresários dos segmentos representados pelo sindicato, “mas sem deixar de fazer os investimentos necessários ao aumento da produtividade e da competitividade de suas empresas, buscando sempre a inovação de seus produtos e processos.”

■ *Mecânica e material elétrico: atividade registra impacto do ritmo mais lento observado para a economia brasileira*



■ *Hélio Naves: segmento de bens para a construção saiu-se favorecido, embora também tenha anotado desaceleração no final do ano*

CICLO VIGOROSO DE CRESCIMENTO

Numa avaliação otimista, o presidente do Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano (Simesgo), Wellington Soares Carrijo, aguarda ciclo de vigoroso crescimento nos próximos cinco anos para a indústria do setor em todo o País, com taxas anuais entre 20% e 40%, com reflexos de dimensões semelhantes também para o Sudoeste goiano. “Estamos observando crescimento até espantoso em Rio Verde”, reforça ele. Uma boa safra agrícola, se o clima ajudar, e o investimento de capitais chineses em linhas de transmissão naquela região do Estado, declara Carrijo, “deverão se refletir de forma expressiva na atividade do setor”.



■ *Wellington Soares Carrijo: “Estamos observando crescimento até espantoso em Rio Verde”*

Com os pés no chão

O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis (Simmea), Robson Peixoto Braga, afirma que irá “teimar” em ser otimista com relação à previsão de desempenho do setor para 2014. Em sua avaliação, muito embora as empresas tenham tido bom comportamento no ano passado, persistem obstáculos ao crescimento mais acelerado.

De um modo geral, diz ele, o setor caminhou bem em 2013. O segmento automotivo não teve o mesmo desempenho de 2012, mas chegou ao final do ano passado sem maiores traumas, ainda que pudesse ter apresentado resulta-

dos melhores se o cenário econômico fosse mais favorável. Braga observa que os segmentos de serviço da indústria metalmeccânica, no qual atua, enfrentaram maior dificuldade, ressentindo-se da baixa oferta de crédito e dos juros, que voltaram a subir. Como muitas empresas são de pequeno porte e necessitam de crédito a juros compensatórios, o quadro de 2013, neste caso, não ajudou muito.

“Nós esperamos que haja uma política melhor de juros e de condições de crédito do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO), Finame, dentre outras linhas de financiamento. Isso, com certeza, refletirá de forma positiva no desempenho do setor neste ano”, destacou.



■ Robson Peixoto Braga: “Nós esperamos que haja uma política melhor de juros e de condições de crédito do FCO, Finame, dentre outras linhas”

A falta de investimentos para melhorar e ampliar o fornecimento de energia elétrica tem gerado igualmente muita apreensão entre os empresários. Conforme observa Braga, a indústria precisa não só de quantidade, mas de fornecimento de energia de boa qualidade.

Aposta na inspeção veicular

A esperança de um ano mais promissor, com melhor desempenho do que 2013, anima a indústria de reparação de veículos em 2014. As empresas do setor, aponta Silvio Inácio da Silva, presidente do Sindicato das Indústrias de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa-GO), aguardam o início da “tão esperada inspeção veicular” no Estado, o que estimularia incremento “nos índices de

reparação veicular da frota circulante”. Mas esta não é exatamente uma expectativa tranquila, já que o crescimento das empresas deverá ser influenciado de forma negativa por um ano de grandes eventos nacionais, como o carnaval e as eleições, e internacionais, com os jogos da Copa do Mundo, levando a um recuo na atividade de reparação, diante do menor número de dias úteis.

Para dar maior fôlego ao setor, Inácio sugere “uma política de juros menores, facilidade ao crédito para micro e pequena empresa, redução de impostos nas esferas federal e estadual para aquisição de máquinas e equipamentos, o que aumentaria potencialmente a produtividade do setor, e a diminuição da burocracia em todo o setor produtivo.”



■ Silvio Inácio da Silva: grandes eventos tendem a reduzir horas trabalhadas na produção em 2014

DESEMPENHO INSATISFATÓRIO

No ano passado, descreve Silvio Inácio da Silva, a indústria goiana de reparação de veículos anotou desempenho insatisfatório, “com a margem de lucro reduzida, falta de mão de obra e grande rotatividade de pessoal qualificado, insegurança jurídica nas relações de trabalho e a falta de peças e insumos em alguns setores”. Analisando o segmento automotivo, Inácio afirma que as concessionárias de veículos foram as maiores beneficiadas, com redução do Imposto sobre Propriedade Industrial (IPI), seguidas pelas empresas reparadoras nas áreas de lanternagem e pintura, em um ano de “elevada taxa de sinistros e em sua maioria cobertos por seguradoras”.

CRESCIMENTO, COM INCLUSÃO

Operações do FCO em Goiás batem recorde e superam R\$ 2 bilhões, com inadimplência de meros 0,7%, afirma Edson Bündchen, superintendente do BB



■ Edson Bündchen: FCO atingiu todos os municípios goianos, “resultado da parceria e empenho entre o governo do Estado, CDE e BB”

Num desempenho classificado como “extraordinário” pelo superintendente estadual do Banco do Brasil (BB) em Goiás, Edson Bündchen, o Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO) destinou a Goiás, no ano passado R\$ 2,23 bilhões, num avanço de 10,4% frente aos R\$ 2,02 bilhões desembolsados em 2012. “Em todo o Centro-Oeste, o programa contratou 46.973 operações, das quais 38,87% em Goiás, num total de 18.259 contratos”, afirma Bündchen.

Segundo ele, foram 6.762 operações no segmento empresarial, outras 4.565 no segmento rural e 6.868 no âmbito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). “O trabalho conjunto entre Banco do Brasil e o governo estadual, representado pelo Conselho de Desenvolvimento do Estado (CDE) e seus conselheiros, tem sido importante para a posição de destaque conquistada pelo BB nas aplicações dos recursos do FCO”, comenta o superintendente, destacando que os recursos do fundo foram distribuídos a “100% dos municípios goianos”.

Em valores, a participação do Estado alcançou 33,48% do total desembolsado pelo fundo em toda a região, “sendo R\$ 975 milhões no programa empresarial, R\$ 894 milhões no programa rural e R\$ 154 milhões no Pronaf”. Tão importante quanto o volume de recursos, acentua Bündchen, a inadimplência no Estado ficou limitada a 0,7%. Confira, a seguir, um resumo dos comentários do superintendente estadual.

Goiás Industrial – *Como o sr. avalia o desempenho do FCO em Goiás e o que se pode esperar para 2014?*

Edson Bündchen – Os números do FCO em

Goiás resultam da forma como as soluções são construídas: com articulação, cooperação e integração entre todos os atores que fazem com que o programa apresente desempenhos crescentes, quer em volume emprestado, quer na pulverização do crédito e nos baixos índices de inadimplência. Nesse contexto, o apoio do governo do Estado, por intermédio do CDE, tem sido decisivo. Temos a firme convicção de que em 2014 nossa parceria será o diferencial e que estaremos novamente na vanguarda do programa, disponibilizando aos nossos clientes soluções viáveis para a implantação, expansão e modernização de seus empreendimentos. Acreditamos que o programa é uma excelente ferramenta de desenvolvimento do nosso Estado e, em 2014, não mediremos esforços para atingir novamente 100% dos municípios goianos.

Goiás Industrial – *Quais setores da economia estadual alcançaram maior destaque no ano passado, tomando como base os desembolsos realizados pelo FCO?*

Bündchen – Considerando as contratações de todo programa em Goiás, é possível observar um grande equilíbrio quanto à disponibilização dos recursos aos beneficiários, o que demonstra a diversidade e a pujança da economia goiana. Tal equilíbrio também é demonstrado na comparação dos desembolsos realizados por nosso Estado onde, no segmento empresarial, disponibilizamos 34,37% do total de recursos do programa, no segmento rural 32,57% e no Pronaf 35,57%. Uma distribuição democrática que atendeu em sua totalidade projetos inovadores, que contribuíram de forma efetiva para o contínuo desenvolvimento do Estado.



■ *Adison Souza e o técnico de segurança Cícero Cleriston: treinamento na academia montada pela Consciente em uma de suas obras*

GRANDES NÚMEROS, MAIS ATENDIMENTOS

Resultado de parcerias bem sucedidas com a iniciativa privada e o setor público, Sesi realiza 2,3 milhões de atendimentos a trabalhadores em 2013

Edilaine Pazini

Reflexo de maior demanda das indústrias, o Serviço Social da Indústria em Goiás (Sesi) registrou, em 2013, expansão na oferta de serviços nas áreas de saúde, educação, lazer e responsabilidade social, que totalizaram a marca de 2,3 milhões de atendimentos a trabalhadores do setor produtivo e da comunidade.

Mais do que simples soma de ações preventivas e educativas em saúde e segurança do trabalho, matrículas no ensino básico e médio, consultas e exames clínicos, participações em eventos culturais e esportivos, esses números representam parcerias de sucesso com o poder público e a iniciativa privada. No atendimento aos colaboradores da indústria, um amplo leque de oportunidades ajudou a concretizar sonhos e promover resgate de cidadania para muita gente que procurou uma das 25 unidades da instituição do Sistema Fieg espalhadas nos principais polos industriais do Estado, onde foram atendidos durante o ano 116 dos 246 municípios.

Com balanço positivo em 2013, as expectativas

são ainda melhores para 2014, que se inicia com a abertura de mais uma unidade, a Escola Sesi Crixás, no Norte Goiano, em parceria com a mineradora Anglo Gold Ashanti.

AVANÇOS NA EDUCAÇÃO

Na área de educação, o Sesi Goiás apresenta evolução no número de alunos atendidos dentro e fora das indústrias. É o que mostram dados de atendimento aos clientes consolidados até dezembro pela Assessoria de Planejamento da instituição. Só na Educação Continuada – modalidade que oferece cursos de formação para o trabalho –, foram realizadas 47.895 matrículas no ano passado, frente a 33.083 registradas em 2012, um aumento de 44,7%. Já na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em 2013, foram atendidos 11.012 alunos, o que significa 700 estudantes a mais que no ano anterior.

Em 2014, a capacidade de atendimento do Sesi em educação deve ser ainda maior. Novas turmas já deram início às aulas neste semestre. É o caso, por exemplo, de uma sala de EJA (Educação de Jovens e Adultos) em parceria com a Votorantim Cimentos, em Edealina – município que integra a região do Vale do Rio dos Bois, na Região Sul do Estado. A turma, formada por trabalhadores da obra da nova unidade da empresa em construção e também da comunidade local, foi criada antes mesmo da inauguração da fábrica, prevista para o final de 2015. “Um dos objetivos é qualificar a população do



■ *Lindomar de Oliveira: “O que me motivou a voltar para a sala de aula foi a dificuldade para conseguir um trabalho digno”*

entorno da indústria para que ali sejam encontrados futuros colaboradores”, afirma a responsável pelos Recursos Humanos da fábrica, Patrícia Bastos Ramalho.

Funcionário de uma das empresas que prestam serviços à Votorantim Cimentos em Edealina, Lindomar Gomes de Oliveira é um dos 13 alunos que estão tendo a oportunidade de retomar os estudos por meio da EJA. A história dele é exemplo da realidade pa-

radoxal do mercado de trabalho, onde sobram vagas e falta mão de obra qualificada.

“O que me motivou a voltar para a sala de aula foi a dificuldade que tenho enfrentado para conseguir um trabalho digno”, diz. Gomes acredita que, voltando aos estudos, irá alcançar novos conhecimentos, que o qualificarão profissionalmente e, por consequência, trarão mais oportunidades dentro do Projeto Votorantim, podendo garantir melhor sustento para sua família. “Para mim, esse projeto representa uma chance de enxergar novo horizonte profissional, acompanhar e até contribuir com o crescimento do País. Ajudará também com melhoria de salário, me dando oportunidade de construir minha casa própria e também garantir os estudos dos meus filhos”, prevê.

Nova unidade para filhos de trabalhadores

Dentro da estratégia de buscar parcerias para ampliar resultados, o Sesi inicia 2014 com expansão do atendimento a filhos de trabalhadores da indústria na área da educação. Resultante de mais uma parceria exitosa com a iniciativa privada, a Escola Sesi Crixás, município do Norte Goiano, consolidou a iniciativa educacional mantida há 18 anos pela mineradora Anglo Gold Ashanti, unidade Serra Grande. Temporariamente em funcionamento nas dependências da Universidade Estadual de Goiás (UEG), as aulas tiveram início no dia 10 de fevereiro, com 600 alunos matriculados, entre turmas do ensino infantil, fundamental e médio.



■ *Parceria consolidada: alunos da mais nova Escola do Sesi, em Crixás, representantes da Fieg, Sesi e da Anglo*

Esta é a terceira unidade de ensino regular de indústria gerenciada pelo Sesi em Goiás, já responsável por escolas instaladas na Sama, em Minaçu, e na Votorantim Metais, em Niquelândia.

Técnico em manutenção da Anglo Gold Ashanti, Washington Fernandes Tosta, 36 anos, três filhos, observa que a qualidade de ensino no município ainda é precária e que a parceria é garantia de melhor educação na região. “Um benefício a mais que temos e espero que meus filhos encontrem no Sesi a base para um curso superior”, ressalta.



■ Washington Tosta: o técnico em manutenção da Anglo espera que os filhos encontrem no Sesi “a base para o ensino superior”

Ações em saúde e lazer superam projeções

Na área de saúde, os resultados obtidos igualmente superaram as projeções para 2013 em ações educativas e preventivas, como palestras, oficinas e teatros dentro das indústrias, que atingiram aproximadamente 265



■ Ginástica na empresa: programa atendeu a mais de 65 mil trabalhadores

mil participantes. Mais de 50 mil trabalhadores foram atendidos em consultas ocupacionais (15% a mais do que em 2012), enquanto as consultas odontológicas totalizaram 102 mil atendimentos.

O lazer do industriário, ponto forte da atuação do Sesi, também teve evolução positiva em 2013 na comparação com o ano anterior. Só o programa Ginástica na Empresa atendeu mais de 65 mil trabalhadores, diante de 61,9 mil em 2012. Eventos culturais e esportivos mobilizaram mais de 156 mil participantes. No chamado lazer social, que inclui o circuito bem-estar, colônias de férias e visitas aos clubes das unidades do Estado, houve 945 mil participações em 2013 contra 817 mil em 2012. Além disso, o Sesi ampliou as matrículas em seus programas de atividades físicas, esportivas e culturais, de 37,3 mil para quase 38 mil.

SERVENTE DE PEDREIRO. E ATLETA

Exemplo típico de trabalhador da indústria beneficiado com os serviços do portfólio do Sesi na área de lazer, o servente de pedreiro Adison Moura Costa, de 25 anos, veio morar em Goiânia há um ano, em busca de melhor salário. Com indicação do irmão, entrou para o quadro de funcionários da Consciente Construtora, onde, além do maior ganho financeiro, Moura teve oportunidade de iniciar carreira de atleta.

Com apoio dos colegas de trabalho, dos colabo-

radores do Sesi, o servente começou a treinar corrida de rua e a competir em eventos, como os Jogos do Sesi. Com boas colocações, chegando a atingir o lugar mais alto do pódio em alguns eventos, mesmo com pouco treino, Moura se sentiu motivado e agora enxerga o esporte como uma “segunda profissão”. “Ainda não ganho dinheiro com isso, mas minha intenção é buscar cada vez mais vitórias, como na fase nacional dos Jogos do Sesi 2014, para a qual fui classificado”, afirma.



■ Manoel Benedito da Silva e José Paulo Araújo: convivência com a família e colegas na primeira viagem ao Araguaia

Busca pela qualidade de vida faz a diferença

Em busca de melhor qualidade de vida de seus colaboradores, a Consciente Construtora, em parceria com o Sesi, instalou em 2012 uma academia em um de seus canteiros de obras. “É uma forma que a empresa encontrou de incentivar os funcionários a ter melhor disposição e praticar mais esportes”, explica o técnico de segurança Cícero Cleriston Leal de Souza. Inicialmente, a academia funcionou na construção do edifício La Musique Resort Residence, no Setor Bueno, e depois foi transferida para outra obra da Consciente, o Like Bueno, no mesmo setor.

Os resultados esperados pela Consciente Construtora com a iniciativa foram percebidos pelo sergente Flávio Henrique Vidal Mansio, de 23 anos. Algo inédito em sua

vida, começou a praticar exercícios no local assim que entrou para a empresa, há cinco meses, e soube da existência da academia. “Além de me sentir bem mais disposto durante o expediente, ganhei 10 quilos de massa muscular e me sinto melhor”, comemora.

Amplamente flexível, o portfólio de serviços de lazer abrange as mais diversificadas ações destinadas a promover a qualidade de vida. Uma excursão para Aruanã, onde o Sesi mantém unidade às margens do Rio Araguaia, foi a alternativa encontrada pela Goiás Embalagens, fabricante de estruturas para

cama box, localizada em Goiânia, para sua confraternização no final de 2013. “Proporcionamos três dias de lazer em um ambiente diferente e familiar”, diz a responsável pelos Recursos Humanos da empresa, Elitaty Santos Borges.

A viagem foi agradável e divertida para os colaboradores, como Manoel Benedito da Silva, de 51 anos, e José Paulo Neves de Araújo, de 36, que ainda não conheciam o Araguaia, e que destacaram a importância da convivência com a família e com os colegas de trabalho no mesmo ambiente descontraído.

ONDE ENCONTRAR SERVIÇOS DO SESI

Indústrias interessadas em proporcionar melhor qualidade de vida aos seus colaboradores e familiares, por meio de parcerias com o Sesi nas áreas de educação, saúde, lazer e responsabilidade social devem procurar a Gerência de Relações com o Mercado, pelo telefone: (62) 3219-1741. Já o trabalhador da indústria que deseja participar de cursos, programas e se matricular em atividades físicas e esportivas em uma das unidades, pode procurar o Sesi mais próximo de sua residência.

SUSTENTABILIDADE NA CONSTRUÇÃO

Depois de uma fase de dúvidas e ensaios, a implantação de indicadores de uso de água, consumo de energia e gestão de resíduos na construção civil registra avanços



■ Leulair Mendes, auditora: “A grande maioria já se adequou e está coletando os resultados relativos a esses indicadores”

Para uma parte das indústrias do setor de construção, o ano passado funcionou como uma espécie de “laboratório” para a implantação dos indicadores de sustentabilidade estabelecidos pelo Sistema de Avaliação da Conformidade de Empresas de Serviços e Obras da Construção Civil (SiAC), no âmbito do Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat (PBQP-H). “Formas de coleta de dados e de medição foram testadas e metas de desempenho avaliadas”, atesta Leulair Cesar De Santana Mendes, auditora do ICQ Brasil.

Desde março do ano passado, quando o novo regimento geral do SiAC entrou em vigor, tornou-se mais rigorosa a exigência de aplicação desses indicadores, envolvendo as formas de uso de água, o consumo de energia nos canteiros e a gestão dos resíduos gerados durante e ao final das obras, com o objetivo de racionalizar o uso desses recursos e evitar desperdícios. A aplicação e mensuração desses indicadores

passaram a ser obrigatórias para o setor de edificações e facultativa para os demais subsetores da indústria, incluindo obras lineares e localizadas de saneamento básico, obras de arte e viárias.

Na verdade, esclarece Leulair, muitas das empresas da área já haviam estabelecido outros indicadores de sustentabilidade, além daqueles impostos pelo SiAC/PBQP-H. “A grande maioria já se adequou e está coletando os resultados relativos a esses indicadores”, acrescenta ela. Numa estimativa aproximada, a auditora acredita que 80% das construtoras que têm seus Sistemas de Gestão da Qualidade (SGQ) certificados pelo ICQ Brasil, em conformidade com o novo marco regulatório, já teriam providenciado sua adequação.

Em sua avaliação, o instituto desempenha papel central na validação de processos adotados pelas corporações, incluindo, no caso específico, as construtoras, atuando para conferir a implementação dos requisitos incluídos na norma. “Toda credibilidade e senso de utilidade dos indicadores dependem

da certificadora e de sua equipe de auditores”, ressalta Leulair.

O processo de adequação do setor da construção não foi isento de polêmicas, ao menos em sua fase inicial. Os indicadores definidos pelo SiAC, diz Leulair, foram muito contestados, não exatamente por seu conteúdo e importância, mas “pela forma de inserção nos requisitos da norma”, que fixou “as fórmulas num padrão absoluto a ser seguido e não como uma diretriz, como os demais itens normativos”. Vencida essa etapa, prossegue a auditora do ICQ Brasil, o passo seguinte foi solucionar as dificuldades de implementação e conceituação. Leulair exemplifica: “Como obter os dados do consumo de energia elétrica no canteiro de obra quando o fornecimento é parte do cliente da obra? E quando for gerador? Como obter o volume de água potável consumida no canteiro da obra quando este é parte do empreendimento do cliente, como reformas e ampliações? E quando for água de poço? Como tratar o resíduo ‘que sai’ em volume e em peso?”.

Uma tradição de mais de meio século

Uma boa dose de ousadia, parcerias estratégicas e diversificação de produtos fornecem as bases para o avanço do Grupo Imperial, que se prepara para desembarcar em novos mercados

Laura de Paula

Em mais de 50 anos de atividade, o Grupo Imperial tornou-se referência nacional no mercado de bebidas. O portfólio de produtos conta com mais de dez marcas, entre refrigerantes, sucos, energéticos, cervejas e aguardente, que chegam ao Distrito Federal e a mais 12 Estados espalhados pelo Brasil, com exceção da Região Sul. Uma das metas para 2014 é “iniciar forte investimento em distribuição na direção de outras áreas”, segundo o diretor superintendente Maurício Mercado, que cita aumentar a distribuição no Centro-Oeste e avançar o negócio em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Para viabilizar essa expansão, o conselheiro Fernando Pinheiro calcula que mais de R\$ 10 milhões foram investidos recentemente em novas linhas de refrigerantes e sucos e na ampliação de áreas de estocagem, distribuição e tecnologia de informações, além do treinamento de pessoal. A sede do Grupo Imperial, em Trindade (GO), tem 84 mil metros quadrados de área construída, sendo 22 mil m² de fábrica. Onze linhas de produção engarrafam as bebidas em recipientes como latas, vidros, PET e Tetra Pak. Mercado adianta que, neste ano, também há intenção de lançar uma marca, diversificar algumas embalagens e investir mais na qualificação dos funcionários. “Estamos sempre atuando de forma a garantir a segurança alimentar e a qualidade de nossos produtos”, completa.

O faturamento de R\$ 240 milhões ao ano – valor informado por Pinheiro – é resultado da “capacidade de inovação, ousadia, criatividade e pioneirismo”, nas palavras do conselheiro. A primeira fábrica de refrigerantes em Goiás começou a funcionar no início dos anos



■ Fernando Pinheiro e, na foto mais antiga, a fábrica no final dos anos 1960: “Capacidade de inovação, ousadia, criatividade e pioneirismo”

1960. Sem dinheiro para tocar o negócio, o fundador logo vendeu a Guaraná Imperial para um grupo familiar formado por cinco sócios: os irmãos Benigno, Belarmino e Edmo Pinheiro, Alencar Amaral Muniz (marido de uma prima dos irmãos) e Paulo Marçal (cunhado de Belarmino). Como três desses já trabalhavam com a distribuição de bebidas, decidiram apostar na oportunidade. “Reuniram um pequeno capital, o qual pode ser avaliado em números atuais pelo fato de que um dos sócios integralizou sua parte como uma camionete Internacional usada”, se recorda o conselheiro, que é filho de um dos irmãos Pinheiro.

Ele conta que não demorou para a empresa familiar – hoje gerida por herdeiros capacitados e profissionais captados do mercado – se adequar ao modelo de franquias, quando assinou contrato com a canadense Orange Crush. “Tivemos um sucesso estrondoso, o refrigerante tornou-se um dos mais vendidos da região.” Outra iniciativa do Grupo Imperial é se aliar a parceiros renomados. Com essa postura, vários lançamentos tiveram muita repercussão, como as bebidas Bidu Cola, Pepsi, Mirinda, Seven Up, Goianinho, American Cola, Pitchula, Refrigerantes Antarctica, Tampico, La Fruit, Birinight e Cerveja Imperial. “No mercado global de bebidas, com protagonistas de porte gigantescos, uma das soluções para sua sobrevivência é se juntar ou prestar serviços a outras grandes marcas”, observa.





■ **SIMPLIFICAR É PRECISO!** / O presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, cumprimenta o ministro Afif Domingos, da Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência da República, durante o lançamento da Rede Nacional para a Simplificação do Registro e da Legalização de Empresas e Negócios (Redesim), sistema integrado que permite abertura, fechamento, alteração e legalização de empresas em todas as Juntas Comerciais do Brasil, simplificando procedimentos e reduzindo a burocracia ao mínimo necessário. O ministro fez palestra durante o evento, no Palácio das Esmeraldas, dia 7 de fevereiro.

■ **CAFÉ E CIA.** / Wilson de Oliveira (Café Rancheiro), presidente da Fieg Regional Anápolis e do Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis, e seu sócio, Ricardo Ander de Oliveira, contam os dias para a finalização das obras de ampliação de sua indústria, no Daia, em Anápolis. Os 32 mil metros quadrados do parque de produção serão acrescidos de modernas instalações de 20,6 mil m² para que, em 2014, seja iniciada a fabricação de novos produtos já lançados com sucesso, como a linha de cookies, rosquinhas e sucos. Tradicionalmente conhecida como indústria de café de qualidade, a empresa turбина seu portfólio.

■ **LIVREIRO** / Antônio Almeida (Kelps) começou o ano mobilizando empresários do segmento gráfico para viagem à Expoprint 2014, maior feira da indústria gráfica da América Latina, que será realizada de 16 a 24 de julho, na Expo Transamérica, em São Paulo. Ele também já está preparado para a sétima edição do Goiânia Verso em Prosa, projeto que tem como parceiro a Prefeitura de Goiânia e que em outubro, segundo ele, deve lançar 220 livros, marca que supera as 213 obras publicadas no ano passado.

■ **HAIR BRASIL 2014** / Jaime Canedo (Ki-Joia), presidente do Sindicato das Indústrias Químicas do Estado de Goiás, terá participação especial na Hair Brasil 2014. Pela primeira vez, ele vai ser expositor do evento, que movimenta a Expo Center Norte, de 12 a 15 de abril. O empresário vai levar oito empresas de cosméticos de Goiás, que estarão reunidas num estande de 63 metros quadrados. "A ideia é fazer contatos e prospectar novos clientes, tanto pessoa física como distribuidores", explicou.



■ **UNIÃO** / Com a filha Júlia, o empresário Eduardo Gunha Zuppani, vice-presidente da Fieg, e sua mulher, a arquiteta Cláudia Zuppani, ao lado do advogado Marcelo Zuppani e Helena Fontenell, que se casaram no fim do ano passado, com recepção no Clube Alphaville.



■ **MODA** / Durante o 2º workshop do APL de Confecções de Jaraguá, que reuniu indústrias no Centro Tecnológico Municipal, de 11 a 13 de março, presença do prefeito Ival Danilo Avelar, Alexandre Baldy, Marcos Barros e Jorcelino José Nunes Neto, ao lado do presidente do Sivest, José Divino Arruda. O empresário adianta que, depois de Jaraguá, as cidades de Pontalina, Taquaral e Aparecida de Goiânia também sediarão workshops.

■ **PROTEÇÃO ANIMAL** / Quando não está na labuta em sua confecção no Setor Fama, Joaquim Noronha (Fazzani) é apoiador de causas nobres, como a Associação pela Redução Populacional e contra Abandono de Animais (Arpa), em funções como resgate de animais domésticos vítimas de maus-tratos. Na foto, ele em ação, ao lado do primo Alexander Noronha (direita), presidente da Arpa e policial federal. A dupla comemorava recente doação à Arpa de terreno de 6 mil metros quadrados na saída para Trindade. Para 2014, a ideia é conseguir parceiros da indústria da construção interessados em projeto de conservação ambiental. "O lugar será um santuário ecológico para pássaros e espécies que necessitam de espaço, como onças pintadas que vivem em cubículos no zoológico da capital", explica Noronha.



■ **NOVO SHOPPING (1)** / Depois de período de férias nos Estados Unidos, Rodrigo Queiroz Silveira e o irmão Rogério (foto), da Queiroz Silveira Construtora e Incorporadora, promoveram o lançamento oficial do Golden Shopping, o primeiro da Região Leste de Goiânia, no dia 13 de março. Com investimento de R\$ 140 milhões, o empreendimento começará a ser construído em julho e ocupará 95 mil metros quadrados distribuídos em dois pisos de lojas e cinco salas de cinema. Segundo Rogério Queiroz, o shopping, próximo à Vila Pedrosa, vai atender à população de cidades como Senador Canedo, Caldazinha, Bonfinópolis, Leopoldo de Bulhões, entre outros.

■ **NOVO SHOPPING (2)** / O Golden será o segundo shopping desenvolvido pela Queiroz Silveira. O primeiro é o Shopping Lozandes, com 47 lojas e 6 quiosques, dentro do Lozandes Corporate Design. Trata-se de um empreendimento que traz o conceito mixed-use para a região Sudeste, com duas torres comerciais, uma residencial e o shopping. A dupla de empresários, que iniciou sua trajetória há 15 anos, concluirá o shopping em outubro de 2015, mas sua primeira torre já será entregue no próximo mês. Ao todo, o complexo contém 90 mil metros de área construída. A obra, situada ao lado do novo Fórum Civil e próximo ao Paço Municipal, recebeu em 2011 o prêmio nacional Top Master Imobiliário pelo Secovi-SP e FIABCI/Brasil.

■ **LENHA ENSACADA** / Eles trocaram Mato Grosso do Sul por Goiás há mais de dez anos e agora colhem o sucesso de uma empreitada agro-industrial arrojada. Walter Neto e o pai, Paulo Afonso de Souza (Jatobrasa), contam que, ao invés de vender a floresta de eucalipto, resolveram industrializar a matéria-prima para abastecer mercados consumidores de Rio Verde e Goiânia. O resultado da atuação da empresa, aberta em 2012, é motivo de alegria para os empresários: instalação de 80 pontos de venda em sacos de cortes de madeira para lenha, quantidade que deve dobrar até o fim do ano, segundo os empresários.



■ **CONDOMÍNIO INDUSTRIAL** / O diretor da Innovar Urbanismo, Romeo Neiva, prepara o lançamento do primeiro condomínio fechado para indústrias e empresas de Goiás. O empreendimento ficará em Aparecida de Goiânia, perto do futuro campus da UFG, e foi desenvolvido para atender às necessidades de segurança, expansão e logística do segmento em ascensão em Goiás. Ainda no primeiro semestre o empreendimento será apresentado.

SINDICATOS COM SEDE NA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
 Fone/Fax: (62) 3224-9226
 siaeg@terra.com.br

SIEEG

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Presidente: Domingos Sávio
 Fone: (62) 3212-6092 - Fax: 3212-6092
 sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
 Fone: (62) 3223-6515 - Fax: 3223-1062
 sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes
 Telefone: (62) 3225-9889
 simagran@sistemafieg.org.br

SINCAFÉ

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Roberto Viana
 Fone: (62) 3212-7473 - Fax: 3212-5249
 sincafe@sistemafieg.org.br

SINDIAREIA

Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás
Presidente: Gilberto Martins da Costa
 Fone/Fax: (62) 3224-8688
 sindiareia@sistemafieg.org.br

SINDCEL

Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás
Presidente: Célio Eustáquio de Moura
 Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
 Sindcelgo@gmail.com

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
 Fone: (62) 3223-2050

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Flávio Santana Rassi
 Fone/Fax: (62) 3213-0778
 sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Elvis Roberson Pinto
 Fone/Fax: (62) 3225-6402
 sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Magna Pato
 Fone/Fax: (62) 3229-1187 e 3212-1521
 sindicarn@terra.com.br

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Hélio Naves
Vice-presidente: Orizomar Araújo
 simelgo@sistemafieg.org.br
 Fone/Fax: (62) 3224-4462
 contato@simelgo.org.br

SIMPLA GO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Olympio José Abrão
Gestor executivo: Giovanni Souto
 Fone: (62) 3224-5405
 simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
 Fone/Fax: (62) 3213-4900
 sindicurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
 Fone: (62) 3224-7443
 sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
 Fone: (62) 3212-1135 / Fax: 3212-8885
 sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
 Fone: (62) 8422-4022
 sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA

Sindicato das Auto Reformadoras de Goiás
Presidente: Sílvia Inácio da Silva
 Telefone: (62) 3224-0121 / 3224-0012
 sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Pedro Silvério Pereira
 Fone/Fax: (62) 3224-7296
 sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: Alexandre Araújo Moura
 Fone: (62) 3223-9703
 sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG

Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
 Fone/Fax: (62) 3223-6667
 sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Luiz Ledra
 Fone: (62) 3224-0456 / Fax: 3224-0338
 siaoc@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás
Presidente: Jaime Canedo
 Fone: (62) 3212-3794 / Fax: 3225-0074
 sindquimica@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
 Fone/Fax: (62) 3225-8933
 sinvest@sistemafieg.org.br

OUTROS ENDEREÇOS

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: José Nivaldo de Oliveira
 Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
 CEP 74210-160 - Goiânia - GO
 Fone/Fax: (62) 3251-3691
 siagoarroz@hotmail.com

SIFAÇÚCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
 Rua C-236, nº 44 - Jardim América
 CEP 74290-130 - Goiânia - GO
 Fone: (62) 3274-3133 / Fax: (62) 3251-1045

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
 Rua C-236, nº 44 - Jardim América
 CEP 74290-130 - Goiânia - GO
 Fone: (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
 sifaeg@terra.com.br

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Wellington Soares Carrijo
 Rua Costa Gomes, nº 143 Jardim Marconal
 CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
 Fone/Fax: (64) 3623-0591
 simesgo@hotmail.com

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Edilson Borges de Sousa
 Rua 1137, nº 87 - Setor Marista
 CEP 74180-160 - Goiânia - GO
 Fone/Fax: (62) 3088-0877
 sinroupas@yahoo.com.br

SINDUSCON-GO

Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Alberto de Paula Moura Júnior
 Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
 CEP 74120-110 - Goiânia - GO
 Fone: (62) 3095-5155
 contato@sinduscongoias.com.br

ANÁPOLIS

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiá, Anápolis/GO - CEP 75113-630
 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3324-5997
 fieg.regional@sistemafieg.org.br

SINDALIMENTOS

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis
Presidente: Wilson de Oliveira
 sindalimentos@sistemafieg.org.br

SICMA

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia
 sicma@sistemafieg.org.br

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Heribaldo Egídio
Presidente-Executivo: Marçal Henrique Soares
 sindifargo@sistemafieg.org.br

SIMMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga
 simmea@sistemafieg.org.br

SINDICER-GO

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade
 sindicergo@sistemafieg.org.br

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi
 siva@sistemafieg.org.br

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

SIMELGO

POSSE CONCORRIDA / Cerca de 150 convidados prestigiaram a posse da nova diretoria do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo), realizada em janeiro no salão Daniel Viana, na Casa da Indústria. Eleito presidente para o triênio 2014-2016, o professor Hélio Naves (na foto com o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e com o agora vice-presidente do Simelgo, Orizomar Araújo Siqueira) estabeleceu como principal desafio de sua gestão ampliar a base de associados. "A meta não é só aumentar a quantidade. O objetivo é fazer que o associado seja participante, mais ativo, tenha maior abertura para o sindicato conhecer de fato a demanda e carência de cada empresa", afirmou.



ASSESSORIA JURÍDICA / O escritório Rodovalho Advogados, com atuação nas áreas consultiva e contenciosa em direito empresarial, foi contratado pelo Simelgo para a prestação de serviços de assessoria jurídica. O atendimento ao sindicato e a seus associados, que incluirá emissão de pareceres, notas técnicas, soluções de consultas e assessoria em negociações coletivas, entre outros serviços, ficará a cargo do advogado Rafael Lara Martins, que também preside o Instituto Goiano de Direito do Trabalho.

SINDUSCON-GO

ENCONTRO NACIONAL / Após dez anos, Goiás volta a sediar o Encontro Nacional da Indústria da Construção (Enic), maior evento do setor na América Latina. A 86ª edição do Enic, promovido anualmente pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), ocorrerá no Centro de Convenções de Goiânia, entre 21 a 23 de maio. Os presidentes do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO), Carlos Alberto de Paula Moura Júnior, e da Associação das Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi-GO), Ilézio Inácio Ferreira, entidades realizadoras do evento, apresentaram oficialmente o evento durante almoço realizado no final de 2013. Na foto, Moura Júnior, o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e Ferreira.



SIGEGO

POLO INDUSTRIAL GRÁFICO / Durante almoço realizado na Casa da Indústria no final de janeiro, a diretoria do Sindicato da Indústria Gráfica do Estado de Goiás (Sigego) e empresários do setor discutiram com o secretário interino de Indústria e Comércio, Rafael Lousa, a instalação no Estado do polo industrial do setor gráfico.

ASSESSORIA TECNOLÓGICA / "As gráficas goianas não precisam mais buscar assessoria técnica e tecnológica fora de Goiás quando ocorre algum problema em suas máquinas", afirma o presidente do Sigego, Antônio Almeida. Ao longo deste ano, a Faculdade de Tecnologia do Senai Ítalo Bologna vai ministrar o curso Mecânica de Manutenção em Máquinas Gráficas, em Goiânia, com o mecânico e formando em automação industrial José Roberto de Souza, que também prestará assessoria técnica e tecnológica para as gráficas goianas. Desde janeiro, o profissional já está atendendo in loco a indústrias do setor.





FIEG REGIONAL

NA PRESIDÊNCIA / O empresário Wilson de Oliveira foi empossado na presidência da Fieg Regional Anápolis, substituindo no cargo o também empresário Ubiratan da Silva Lopes, que esteve à frente da entidade por três anos. Oliveira, que é vice-presidente da Fieg, traz em sua bagagem vasta experiência na área classista e no voluntariado. Ele é representante de Goiás na Comissão de Assuntos Legislativos da Confederação Nacional da Indústria (CNI), foi presidente da Associação Comercial e Industrial de Anápolis (Acia) e é diretor do Grupo Café Rancheiro.

SIGMA

BALANÇO POSITIVO / A convite da diretoria do Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma), o diretor geral da Companhia Municipal de Trânsito e Transporte (CMTT), Alex Martins, e a diretora de Trânsito e Transporte do órgão, Fernanda Mendonça, apresentaram (foto) o Plano de Mobilidade de Transporte que está em execução no município e que tem como uma de suas vertentes a criação de corredores do transporte de massa de passageiros. "Foi uma reunião produtiva e o Sicma quer colaborar com a cidade nas políticas de mobilidade urbana", ressaltou o presidente, Álvaro Otávio Dantas.



SINDIFARGO



NOVA DIRETORIA / O Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo), desde o mês de dezembro último, conta com uma nova diretoria para o biênio 2014-2015. Heribaldo Egídio da Silva (foto) sucede Ivan da Glória Teixeira na presidência. Os demais membros da diretoria são: Marçal Henrique Soares, presidente executivo; Alexandre Baldy de Sant'Anna Braga, primeiro vice-presidente; Evandro Tokarski, segundo vice-presidente; Walterci Melo, diretor administrativo; Marcelo Reis Perillo, diretor financeiro; Amarái Furtado de Silva e Marinho Pereira Braga, suplentes.

DÉCIMO ANIVERSÁRIO / No dia 14 de março, o Sindifargo promoveu a posse festiva de sua nova diretoria, em solenidade realizada no Clube Antônio Ferreira Pacheco. Durante o evento, foram celebrados ainda os 10 anos da criação do sindicato, um dos atores centrais no processo de consolidação do parque farmacêutico goiano.



SIMMEA

MOBILIZAÇÃO / O Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis (Simmea) realizou uma série de reuniões e assembleias, mobilizando o setor para a discussão e deliberação da proposta para a Convenção Coletiva de Trabalho de 2014. No encontro mais recente (foto), Robson Braga, presidente do sindicato, fez um balanço positivo dos trabalhos, destacando que, embora complexas e difíceis, as negociações tiveram diferencial importante, evidenciada na ampla participação das empresas associadas. Conforme observou, essa mobilização fortalece as posições tomadas pela diretoria e gera benefícios para o setor.

SINDICERGO

FECHAMENTO DO TERMO ADITIVO À CCT /

O Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás (Sindicer/GO) já protocolou junto à Gerência Regional do Trabalho e Emprego em Anápolis o Termo Aditivo à Convenção Coletiva de Trabalho, vigente no período de 1º de maio de 2013 a 31 de dezembro de 2014, firmado com o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás e Tocantins. Em janeiro, ocorreu a reunião (foto) para o fechamento do Termo Aditivo da CCT, com a definição dos reajustes e pisos para as categorias. O presidente do Sindicer/GO, Henrique Morg, fez balanço positivo da negociação com a representação da classe laboral e agradeceu o empenho da diretoria e empresários que acompanharam e participaram do processo.





SINDALIMENTOS

JUNDIAÍ INDUSTRIAL / O Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (SindAlimentos) desenvolve estudo de viabilidade para a criação do Comitê Pró-Melhoramento do Jundiaí Industrial, numa ação solicitada por empresários do setor que atuam na região. O assunto pautou o encontro da diretoria do sindicato com representantes da empresa Brejeiro (foto). A ideia é que a ação seja desenvolvida por meio de parceria entre a iniciativa privada e o Sistema Fieg, envolvendo principalmente o Sesi Goiás. Wilson de Oliveira, presidente do SindiAlimentos, solicitou a realização de um "diagnóstico" da região para identificar o público-alvo a ser trabalhado pelo comitê que está à frente da iniciativa. Ele lembra que o Jundiaí Industrial foi o berço da industrialização de Anápolis e, ainda hoje, concentra número grande de empresas.

SIVA

REGIME TRIBUTÁRIO DIFERENCIADO / A Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) apresentou ao governo federal a proposta de criação de um regime tributário diferenciado para o setor têxtil e de confecção, com a inclusão de um Kit Enxoval, formado por 39 produtos de cama, mesa e banho, entre os beneficiados do programa federal Minha Casa Melhor. O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis (Siva), Jair Rizzi (foto), ressalta que se trata



de uma iniciativa importante, uma vez que o setor tem peso importante na economia, mas sofre com a elevada carga tributária e com a concorrência dos importados. Uma das propostas é que as alíquotas dos tributos federais sobre o setor, que hoje giram, em média, entre 18% e 22%, caíam para cerca de 6%.

SINPROCIMENTO

ARTEFATOS DE CIMENTO /

O Sindicato das Indústrias de Produtos de Cimento do Estado de Goiás (Sinprocimento), em parceria com a Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP), realizou, no final de 2013, no Palácio da Indústria, o Encontro Goiano das Indústrias de Artefatos de Cimento. Além do patrocínio da Isoeste Construtivos Isotérmicos, o encontro teve apoio do Instituto dos Engenheiros das Indústrias de Produtos de Cimento do Estado de Goiás (Iepcim-GO).

SINDIPÃO

QUALIFICAÇÃO E CERTIFICAÇÃO /

Em parceria com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), Fieg e Sebrae, o Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás (Sindipão) promove mais uma edição do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi). Trata-se da continuidade do trabalho desenvolvido pela entidade classista para o incremento da competitividade das empresas do segmento. O objetivo, segundo Luiz Gonzaga de Almeida, presidente do sindicato, é preparar pelo menos 20 panificadoras para a certificação de sistemas de gestão da qualidade com base na norma ISO 9001.

TRADIÇÃO, KNOW HOW E TECNOLOGIA

Instalada em Anápolis desde 2002, a metalúrgica investe R\$ 2 milhões na expansão de sua operação, praticamente dobrando o espaço ocupado pela fábrica

Claudius Brito

No dia 30 de outubro de 2002, a Metalúrgica Dobração iniciava suas atividades no Distrito Agro Industrial de Anápolis (Daia), sob a batuta do empresário Robson Peixoto Braga que, do alto de seus 28 anos de experiência no setor, tornou a empresa referência na Região Centro-Oeste, aliando conhecimento, tradição e novas tecnologias.

Especialista em corte e dobra de chapas metálicas, montagem de estruturas e coberturas metálicas, bem como distribuição de chapas lisas em inox, aço carbono e galvanizada, a Dobração entra em 2014 acompanhando o ritmo de crescimento de Goiás, com um projeto de expansão de sua planta. Atualmente ocupando 10 mil m², dos quais 3 mil m² de área construída, a indústria reforçará o chão de fábrica com mais 2 mil m², num investimento de aproximadamente R\$ 2 milhões. Com mais de 50 empregados diretos, a empresa tem seu principal nicho de mercado as indústrias do próprio Daia, mas também atua dentro e fora do Estado.

“Nós não temos um portfólio específico, porque trabalhamos com uma diversidade muito grande de pedidos, feitos sob encomenda pelas indústrias ou por meio dos seus prestadores de serviço, como, por exemplo, as firmas que atendem à expansão da Caoa Hyundai, Granol, Ambev, dentre outras”, afirma Braga. Para atender a um mercado com níveis crescentes de exigência, prossegue o empresário, “não basta ter somente um produto de qualidade, mas, sobretudo, é necessário garantir a agilidade na entrega”. Neste caso, Braga refere-se ao segmento de corte e dobra de chapas de aço, uma das áreas de atuação da Dobração. Com capacidade instalada para 500 toneladas mês, a empresa adquiriu um equipamento que permite dobras de chapas de 6 metros de comprimento com até 10 milímetros de espessura, enquanto a maioria opera com



Robson Braga: além de produtos de qualidade, “sobretudo, é necessário garantir a agilidade na entrega”

máquinas para dobra de chapas de 3 metros. Além disso, possui outros equipamentos de ponta, como uma mesa de corte com plasma CNC, que permite corte de todos os formatos com acabamentos de primeira linha.

“É um diferencial que temos no mercado de toda a região, o que agrega muita qualidade a nossos produtos”, sublinhou o empresário, acrescentando que há ainda um cuidado especial na aquisição de matéria-prima, cerca de 60% dela proveniente de São Paulo e Minas Gerais e 40% de Goiás.

Outro carro-chefe da empresa é a linha de produção chapas dobradas para implementos rodoviários, ou seja, a produção de baús, carroçarias metálicas e caçambas. De acordo com Robson Braga, trata-se de um segmento bastante dinâmico, já que Anápolis, pelo seu perfil econômico, é uma das cidades brasileiras com maior número de caminhões por habitante do País.

SOLIDEZ E BOM ATENDIMENTO

A Dobração atende ainda à indústria da construção, outro segmento econômico em franca expansão. Neste caso, a empresa trabalha com montagem de estruturas e coberturas metálicas para supermercados, galpões industriais, ginásios de esportes, postos de combustíveis, dentre outros, atendendo ao mercado goiano, Distrito Federal e outros Estados. “Nossa expectativa é bastante positiva em relação aos investimentos realizados na ampliação da indústria, na aquisição de maquinários e na formação dos nossos colaboradores, tendo como referência o Senai Goiás, enfim, buscando a solidez do negócio e o bom atendimento de nossos clientes”, resume Braga.



Economia goiana no cenário nacional

“MESMO COM TODAS AS DIFICULDADES APRESENTADAS PELA INDÚSTRIA BRASILEIRA, O QUE SE OBSERVA NOS DADOS DO IBGE NO ACUMULADO ATÉ NOVEMBRO DESTA ANO, QUANDO COMPARADO COM O MESMO PERÍODO DO ANO PASSADO, É QUE O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO GOIANO CONTINUA FORTE COM EXPANSÃO DE 4,7% CONTRA 1,4% DO BRASIL”

JEFERSON DE CASTRO VIEIRA

Economista, doutor pela UnB, professor de economia e mestrado em desenvolvimento e planejamento territorial da PUC Goiás

Os números mais recentes da economia brasileira vêm corroborando o cenário traçado por mim nas últimas avaliações de conjuntura de redução de seu fôlego no segundo semestre de 2013. Apesar de tanta volatilidade nacional e internacional, como balanço geral a economia goiana continua apresentando um desempenho vigoroso com indicadores bem melhores do que o nacional.

As vendas do comércio varejista em Goiás, de acordo com o IBGE, no acumulado no ano até novembro, cresceram 4,4% contra 4,3% no Brasil. O que vem segurando este comércio é a massa de rendimento médio das pessoas ocupadas, que continua se mantendo e uma baixa taxa de pessoas desempregadas. O comércio como um todo deu uma desacelerada este ano, depois de avançar 8,4% em 2012. Uma das explicações para este baixo desempenho foi o alto grau de endividamento das famílias brasileiras que chegou a 45%, comprometendo os consumidores em fazer mais compras.

O setor de serviços apresenta um quadro bastante promissor. Na Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, os resultados acumulados no ano indicam que nos onze meses de 2013 o crescimento da receita nominal em relação ao mesmo período de 2012 coloca Goiás em um patamar superior ao Brasil. Goiás apresenta uma alta de 10,2% comparando com 8,5% no Brasil. No segmento de tecnologia de informação e comunicação, Goiás

destaca-se com a segunda maior taxa de crescimento do Brasil (9,1%).

Em se tratando do agronegócio, um bom indicador é Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP), calculado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Se as estimativas se confirmarem, Goiás fechará este ano com renda bruta agropecuária equivalente a R\$ 31,6 bilhões, alta de 5,3% na comparação com o ano passado. O VBP nacional deve fechar o ano em R\$ 433,8 bilhões, com incremento de 9,5% sobre o desempenho de 2012. Já na safra agrícola 2013/2012, a última previsão do IBGE é de queda na produção goiana (1,1%) e expansão no Brasil (16,2%). Mesmo com o desempenho goiano menor que o nacional, esse valor mantém o Estado como a quarta maior safra de grãos e terceiro rebanho do País.

No quesito da indústria, há todo um processo de discussão sobre a desindustrialização no Brasil, principalmente em decorrência da entrada de produtos chineses a preço de banana. Mesmo com todas as dificuldades apresentadas pela indústria brasileira, o que se observa nos dados do IBGE (Pesquisa Industrial Mensal) no acumulado até novembro deste ano, quando comparado com o mesmo período do ano passado, é que o processo de industrialização goiano continua forte com expansão de 4,7% contra 1,4% do Brasil. Esse vigoroso desempenho deve ser atribuído ao ambiente favorável economicamente para a instalação de atividades industriais em Goiás, com destaque para os segmentos farmacêutico e alimentício.

Na geração de postos de trabalho, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego, Goiás continua ostentando uma posição privilegiada no contexto nacional, com uma taxa de crescimento de 5,3%, contra 2,8% no Brasil, em 2013. Este resultado fez com que Goiás alcance o segundo lugar em termos relativos e o sétimo lugar em termos absolutos na geração de emprego formal, com 60.831 novos postos de trabalho.

Educação de Jovens e Adultos do SESI

Ensino que gera resultados

Matrículas abertas

- Alfabetização
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio

Agora em menor duração

Diferenciais para a indústria

- Programa totalmente gratuito para a indústria;
- Mão de obra qualificada gera maior produção, evita desperdícios e auxilia na redução dos custos;
- É uma ação de responsabilidade social;
- Ensino extensivo aos dependentes dos trabalhadores;
- Turmas menores quando realizadas *in company*;

Leve esse benefício ao trabalhador e eleve a produtividade de sua empresa.



Informações:

Goiânia - 4002 6213 / 3219 1747 | Demais localidades: 0800 642 1313
ou na unidade SESI mais próxima de você.

www.sesigo.org.br

**Sua empresa
controla os
custos com
energia?**

A hand is shown from the top right, holding a coin (likely a Brazilian Real) over a glowing lightbulb. The lightbulb is the central focus, with a warm orange glow emanating from its base. The background is a dark blue gradient.

**A TecVolt faz a
gestão para você**

**Com as soluções
da TecVolt, a energia
da sua empresa pode
produzir muito mais**

TECVOLT

SOLUÇÕES ENERGÉTICAS

www.tecvoltsolucoes.com.br

(62) 3573-4565

BR 060, KM 1, galpão 06, sala 1 e 2, Fazenda Santa Rita,
CEP: 74.394-840 - Goiânia - Goiás